

# A volta dos que não foram! Exercício hermenêutico-psicanalítico à luz da parábola do Filho Pródigo (Lc 15.11-32)

The return of those who never went! Hermeneutic-psychoanalytical exercise, considering the parable of the Prodigal Son (Luke 15:11-32)

Sidnei Noé<sup>1</sup>

## RESUMO

Parábolas demandam nossa participação direta inconsciente à face oculta do símbolo, à elaboração consciente. A elaboração consciente dependerá da identificação inconsciente imediata com a respectiva personagem. No caso da parábola do Filho Pródigo, temos basicamente três: o pai-bondoso, o filho-primogênito servil e o último-gênito rebelde. Cada qual requer uma elaboração psíquica particular, que, por sua vez, articular-se-á a das demais. Logo, sem mudança de atitude de todos os envolvidos consigo e com os outros, os problemas tendem a repetir-se, mesmo mediante o regresso do filho protestante. Portanto, a verdadeira elaboração, é deixada aberta à nossa participação a fortiori. Para tal, o recurso à psicanálise pode auxiliar-nos a perceber os conflitos em jogo, desde nossa participação inconsciente à dimensão psíquica das personagens manifestas à parábola. Estes apontam para uma fixação em diferentes estádios do período pré-édipico; por conseguinte, cada um dos participantes desta tríade familiar tem seu próprio desafio: o pai, à consciência das necessidades individuais dos filhos e destes entre si; o primogênito, à consciência de que ficar em casa significa, em última análise, recusar-se a viver, à autonomia e o último-gênito, à consciência de que perder-se e morrer pode ser o começo para encontrar-se e viver.

**Palavras-chave:** Hermenêutica Bíblica; Psicanálise; Complexo de Édipo; Narcisismo.

## ABSTRACT

Parables demand our direct unconscious participation to their hidden face of the symbol, towards a conscious elaboration of the needs. The conscious elaboration will depend on the immediate unconscious identification with the respective character. In the case of the parable of the Prodigal Son, we have basically three: the kind father, the servile firstborn son, and the rebellious last-born genie. Each one requires a particular psychic elaboration, which, in turn, needs to be articulated with that of the others. Therefore, without changing the attitude of all those involved towards himself and others, problems tend to be repeated, even upon the return of the protestant son. Therefore, the real elaboration, is left open to our further participation. To this

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Kirchliche Hochschule Bethel, Alemanha (1998). Professor do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF. E-mail: sidnei.noe@ufjf.br

aim, the use of psychoanalysis can help us to perceive the conflicts at stake, from our unconscious participation in the psychic dimension of the manifest characters of the parable. These points to a fixation in different stages of the preoedipal period; therefore, each of the participants, on this family triad, has its own challenge: the father, to the awareness of the individual needs of the children and of each other; the firstborn, to the awareness that staying at home means, for hence, refusing to live autonomy and the last-genie, to the awareness that losing oneself and dying can be the beginning of meeting and living.

---

**Keywords:** Biblical-Hermeneutics, Psychoanalysis, Oedipus-Complex, Narcissism.

---

## Introdução

A Bíblia é Boa-Nova à salvação! Quanto à essa compreensão, certamente haja amplo consenso no contexto cristão. Como, todavia, esta seja apresentada, depende da respectiva passagem em questão. Uma dessas passagens, bem conhecida, até emblemática, e, ainda assim, intrigante, é a assim chamada, parábola do filho pródigo. O que, efetivamente, causa espécie nesta história? À primeira vista, parece um caso comum, como muitos conhecidos – abreviadamente, um *quid pro quo* na partilha de bens, ainda em vida, do progenitor. Senão vejamos: a) há um pai ainda vivo, com dois filhos, e um deles, o mais novo, pede seu quinhão da herança. Conforme praxe jurídica de antanho, diga-se de passagem, ainda corrente à jurisprudência hodierna, inclusive no Brasil (com pequenas diferenças), é-lhe concedido seu direito, mediante partilha de bens em vida;<sup>2</sup> b) recolhida sua parte, não resta dúvida, que o último-gênito, ou simplesmente, caçula, disponha de livre-arbítrio sobre sua fração. Ou seja, pode fazer com ela, o que lhe apraza; c) entretanto, tudo dá errado àquele que se apossara do que lhe coubera e se aventurara ‘no mundo’; d) mediante tal sina, cai em si, sob o desespero da miséria, e decide retornar à casa paterna; e) talvez um tanto surpreendentemente, ainda distante, o pai vem correndo ao seu encontro, o “abraçou e beijou” (v. 20c) e restitui-lhe seu lugar como filho, com todos os direitos e deveres (melhor roupa, anel, sandália), mediante ‘pompa e fanfarra’, pois mandara festejar, sacrificando o “novilho cevado” (v. 23); f) o primogênito, por sua vez, sente-se injustiçado, tem ciúmes do trato especial dispensado pelo pai a “esse seu filho” (v. 30a), e confronta-o, com amargor, ciúme e zanga (v. 28); g) este se justifica, em função da alegria pelo retorno do “que estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi achado” (Lc 15.24; 15.32 – atente-se à repetição da mesma expressão!).

Onde, pois, haveria algo de especial nessa historieta? Não há nada de excepcional na partilha; no gozo e no desperdício; no retorno à casa; na alegria do velho-pai; no ciúme e desgosto do irmão ‘caseiro’. Inclusive, a experiência de vida indica, que nada seja deveras comum à vida familiar – independentemente do juízo de valor, interno ou externo –, que o favorecimento de um(a) dos(as)

---

<sup>2</sup> Neste caso, é relativamente simples, visto haver só dois herdeiros: um terço cabe ao querelante e as duas outras (como usufruto) ficam sob os auspícios do pai, em vida e, após sua morte, são repassadas diretamente ao primogênito (Dt 21.17).

filhos(as), em detrimento dos(as) demais; mais ainda, pareça como que uma lei tácita, que o caçula receba especialmente um tratamento V.I.P. e, para o ressentimento das(os) demais irmãs(os), não esteja sujeito, aparentemente, a qualquer norma, que, por outro lado, valha como *dura lex sed lex* às(aos) demais, e desfrute do livre-gozo de seus caprichos; também, que seja de experiência *lata*, que àquele(a) à casa, fermente uma inveja – às vezes mordaz e que lembre a de Caim – em face da flagrante injustiça, algo que também, diga-se de passagem, seja perfeitamente compreensível; e, não por último, seja particularmente humana, a alegria, em vista do retorno de qualquer filha(o), ainda mais, *do dileto (Nestei, indez)*; e, não por último, também seja de praxe ubíqua que alguns animais vivam melhor que um ser humano, tanto aqui quanto acolá, só que estejam sempre sujeitos a pagar o pato, como o “novilho cevado”, para escândalo das(os) defensor(as)es das causas animais. Sim, tudo muito humano, estranhamente humano! Portanto, onde estaria a Boa-Nova?

## 1. Indícios exegeticos

O horizonte de sentido é dado pelo próprio texto. Dessarte pode ser lido como literatura qualquer: aplicam-se lhe todas aquelas ferramentas de análise exegetica, conhecidas como MHC (Método Histórico-Crítico). Seguem, pois, alguns fragmentos dessa análise propedêutica, sem a pretensão de efetivamente corresponder circunstanciadamente ao método, em relação ao texto em questão chama a atenção: a) que a história somente seja apresentada no Evangelho de Lucas; b) que essa encadeie-se a outras duas, no contexto menor, a saber, a da ovelha e a da dracma perdidas (Lc 15.17; Lc 15. 8-10) e, no maior, à grande narrativa da peregrinação de Jesus a Jerusalém (Lc 9.51-19.27); c) que possivelmente remonte à Fonte Q ou ao códex especial (*Sondergut*), próprio do autor Lucas – um médico culto, também redator do livro dos Atos dos Apóstolos; d) que o escritor Lucas justamente se caracterize pelo trato escrupuloso do material que lhe servira de base, seja este oriundo do Evangelho de Marcos, da Fonte Q, ou do conteúdo próprio especial – o qual, p. ex., possa ser oriundo de uma versão diversa da respectiva Fonte Q, ou mesmo, de tradições diversas, ainda somente orais (lembrando que nenhum dos evangelistas fora contemporâneo de Jesus); e) que pelo vocabulário empregado, provavelmente traduza ao grego, a linguagem original aramaico-galileica, a qual possa, ao menos parcialmente, verbalizar a *ipsissima vox Jesu* (JEREMIAS 1965: 171); f) que a *pointe* específica desta história seja o paralelismo antitético entre morrer e tornar a viver” e “perder e encontrar” (v. 24, 32b), que também demarque sua conexão estrita, no contexto menor, às parábolas da ovelha e da dracma perdidas (o *sui generis*, não obstante, em comparação às precedentes, é que aqui entra em jogo a volição, a morte e a perda, não por acaso, mas por arbítrio); g) que o gênero literário em questão seja o de parábola, que basicamente consista em insinuar um *tertium comparationis non datur*, quiçá abscondito *sub contraria specie*, a partir de uma historieta plausível do cotidiano; h) que o pano-de-fundo recorrente remeta à acusação de Fariseus e Escribas, de que a pregação de Jesus induza o povo simples ao desrespeito da lei

e portanto, ao crime, o que repercute no contraste entre a atitude de ambos os filhos; i) que convenha aguçar o sentido ao detalhe de que o texto faça nítida distinção entre “pai” e “Deus” (v 18b); j) que a resposta de Jesus aos seus detratores só possa ser uma – é a vontade de Deus!

Diante disso, apresente-se como paradigmática, à interpretação exegético-teológica que “[a] parábola descreve, mediante imponente simplicidade: assim é Deus, tão-bondoso, gracioso, cheio de misericórdia, transbordante de amor. Ele se alegra pelo retorno do pródigo como o pai que celebra a festa da alegria” (JEREMIAS 1965: 131). E é precisamente este último, o ponto-fulcral exegético, que sobeje nessa parábola específica: o desfecho demasiado trivial! Em outras palavras, não mudara nada: a) o filho mais novo regressara à casa, após suas (des)venturas no mundo; b) o mais velho, continuaria sentindo-se preterido (só que doravante ainda mais amargurado!); c) e o pai, continuaria achando que está tudo bem, e melhor ainda, após o retorno “do perdido”!

## 2. Distinções literárias

O gênero da parábola era bem-conhecido tanto no Oriente-Antigo quanto no Mediterrâneo-Clássico (por onde certamente se encontrara o autor Lucas); este causara certa espécie à patrística, entre as escolas antioquina e alexandrina, haja vista a acusação da “alegorese” (Grondin, 1999, p. 69) e mais recentemente, essa em particular ganhara notoriedade, mediante a pena de Voltaire (1763) e André Gide (1907) respectivamente, Rainer-María Rilke (1906 – também tradutor da obra de Gide ao alemão) e, não por último, Franz Kafka (1920). Àquelas(es) familiarizadas(os) com este gênero atávico, parábolas eram especialmente bem-vindas, por falarem de coisas conhecidas, apontando, todavia, a desconhecidas, que fizessem ‘brilhar os olhos’ das(os) ouvintes – poder-se-á supor, que poucas(os) fossem leitoras(es), quiçá, menos ainda, escritoras(es) –, sabendo que precisariam ‘imaginar junto’, o não-expresso, combinando-o ao exarado; destarte, seria necessário complementar o todo de sentido. Portanto, embora tudo pareça ‘trivial’, nada é, precipuamente nessa parábola!

Apesar de conhecido pelos exageros, nesse consoante, Friedrich Nietzsche (1895) mostrara, mais uma vez, sua argúcia, ao chamar Jesus de “parabolista *par excellence*” (certamente em sentido não-lisonjeiro!). Quão conhecida, não é a reiterada introdução da qual este se servira, ao afirmar que “o Reino de Deus é como...”. O núcleo do *Kerygma* (Bultmann, 1956) não está no comparado (o objeto), nem em sua natureza; tampouco, em sua manifestação. Seria absurdo querer interpretar ‘literalmente’ que este (*ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ* – Mc 4.30; Lc 13.18 ou *ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν* – Mt 13.31) fosse como um grão-de-mostarda, pois que, a nuance justamente esteja no *figure out*, desde o conhecido, o grão, que serve de escada, o desconhecido, ignorado, subestimado; enfim, o além do *ipsis verbis*; logo, implícito ao expresso. De acordo com Joachim Schniewind (1960), “a parábola primeiramente apresenta situações mundanas, tornando-as transparentes à relação com Deus”. Neste sentido, como o narrador da parábola

seja Jesus, não reste dúvida, que o *Leitmotiv* oculto se situe na relação com Deus e, portanto, esteja em jogo, um problema de teologia-cristã. (Hamburger, 1970).

Todavia, como soe ocorrer a qualquer arte, e as Sagradas Escrituras não haveriam de ser exceção, quando esta seja eternizada enquanto obra, sua *Bildhälfte* (metade simbólica) descola-se de sua *Sachhälfte* (metade conteutiva), ao menos, em relação àquela de seu *Sitz im Leben* (portanto àquela remanescente do lado de lá originário, situado além do *garstigen, breitem Graben* – Lessing, 1777– que cindira o fruidor hodierno daquele, de antanho) e que ora se reabra ao enlace de novas(os) convidadas(os), aqui tratados, como leitoras(es) interessadas(os) psicanaliticamente. Portanto, seria um equívoco equivalente a uma leitura fundamentalista, chegara-se à conclusão de uma justaposição direta, deveras comum, pai – Deus; último-nato – Jesus; primo-nato – legalistas, que sob à subserviência à casa da tradição rejeitem, invejem, desprezem, persigam – e, ao cabo, sentenciem, prendam e crucifiquem Jesus. O desmazelo retórico-hermenêutico consiste justamente em, assim procedendo, fazer com que tudo se ajuste e explique perfeitamente demais, sem nenhum óbice, lacuna, irreverência, escândalo, loucura ou, simplesmente, sem nenhuma pergunta em aberto: Jesus mostra o pai amoroso que acolhe o pecador arrependido – o que francamente enseje um ruído em relação ao anúncio e à vivência do *totaliter aliter* (Noé, 2006, p. 119) do Reino de Deus, à sobreposição do abismo humano, calcado justamente na graça da aceitação dos “pobres de espírito”, que sequer consigam perceber a psicogênese de seu desespero.

Parábola remete à símbolo (estritamente, em sentido Luterano, enquanto ‘presença real’, desde que palavra e elemento se encontrem, no Sacramento), que, como sabemos desde a Antiguidade, remeta a um todo, que somente seja legitimado e autenticado, mediante a combinação de, pelo menos duas partes de um todo, antes dividido (Noé, 2008, p. 923s). É necessário, pois, procurar a parte faltante e perdida, para quê, em se achando-a, evoque alegria, regozijo, festança e deleite, pela reunião e, não por último, confirmação da autenticidade e identidade. Onde? Evidentemente no próprio âmbito do perdido (acaso buscar-se-ia encontrar o perdido alhures d’onde suponha-se tê-lo perdido?) haja vista que, conforme Eugen Drewermann já intuía, “o simbólico somente possa ser interpretado simbolicamente” (Noé, 2008, p. 32-57). Mas ‘perdido’ somente pode estar algo que, como um todo, antes já se encontrasse aí, à disposição, o que reforça que esteja em jogo um reencontro...

Sob o viés da parábola em questão, todas as protagonistas da parábola, pai, primo- e último-gênito, já usufruíam do todo; mas este se perdera em partes (a face oculta do símbolo) e seja necessário reencontrá-las, para recombina-las, no original, sem, todavia, deixar de impregnar o reunido, com as cicatrizes de sua fratura; portanto, um processo dialético<sup>3</sup>, onde a síntese adira à matriz original, a marca de sua fissura, sua chaga, sob um novo todo, reatualizado. Todavia, e este

<sup>3</sup> Neste sentido HEGEL fundamenta que o caminho à autoconsciência e à liberdade passa inexoravelmente pelo ‘Mal’. Cf. W. W. F. HEGEL, *Vorlesungen über die Philosophie der Religion*, p. 283-288.

é o dramático da parábola, este resultado fica suspenso, aberto, e incita à coparticipação sinérgica do(a) ouvinte/leitor(a). No ápice da trama, este(a) é enlaçado(a) pelo texto, e destarte, instigado(a) a encarnar a mensagem, a Boa-Nova, o Evangelho, o *Kerygma*, em sua própria vida, tornando-se assim, salvação *pro me*, no encadeamento das relações.

### 3. (Dis)injunções filosóficas

A provocação sempiterna deste tipo de ‘literatura’ é a ‘especulação’. Já que o sentido último não possa ser apreendido diretamente do expresso *ad litteram*, nem pelo lume da ciência, o risco à interpretação, sempre decorre da atração ao oculto, ao desconhecido, ao sem-borda, intrinsecamente associado ao simbólico. É uma espécie de canto-da-sereia que o *mysterium tremendum et fascinans* (Otto, 1917, p. 22-35) suscite; e, o maior, dentre todos os perigos à alma, seja o de extraviar-se lá fora, ficar fora de si, no infinito estranho, atro e esconso. Pior: afogar-se em seu poder inebriante ou, incapaz de oferecer-lhe resistência, deixar-se inundar pela torrente, não de luz, mas de trevas, sequer sabendo discernir entre ambas e, portanto, soçobrar dentro de si. Sem defesa, portanto, qual buraco negro, o infinito atraía tão potentemente a alma desgovernada, qual luz-azul, a mariposa deslumbrada. Ou inversamente, transborda um oceano de breu, de fora do arcano da consciência, para dentro, inundando- e submergindo-a, tanto ao outrora conhecido quanto ao agora perdido. Trata-se do risco da atração pelo retorno ao indiferenciado, que se oponha diametralmente à diferenciação inerente à palavra, logo, simbolização. E ora já não seja mais possível, a linguagem, somente o inefável, sob encontro direto e imediato e, com isso, perca-se não só a existência, como justamente também, a essência, haja vista que essa somente possa ser compreendida mediante o verbo. É o risco da exposição direta ao *nume*, sem qualquer anteparo.

Há uma ideia milenar intrínseca à cultura sol-nascente, cuja palavra-chave é *kintsugi* (金継ぎ) ou *kintsukuroi* (金繕い), que, eventualmente, possa ajudar-nos a compreender a dinâmica implícita à parábola: era necessário (*δεῖ* – grego *koiné* bíblico – cf., p. ex., Mt 24.6) que a cortina do templo rasgasse, de alto a baixo; que o selo se partisse; que אָדָמָה (*adamah* – o ser humano feito de barro vermelho) comesse do fruto proibido; que Caim cometesse o fratricídio e o povo de Deus, o pecado, para que se lhes abrissem os olhos; que tanto quanto à treva do breu, não seja possível reconhecer-se à luz, a própria luz! Que a ovelha se perdesse, aquela uma, dentre tantas; aquele vintém, dentre outros níqueis; aquele filho, dentre dois (todavia também poderiam ser vários, contassem também, as filhas). Só assim tornar-se-ia possível, o reencontro do perdido, a reunião dos cindidos, o cerzimento do descosido, o reparo do partido; e, mediante isso, a ressignificação e ressimbolização do todo. E isso, ao contrário de enfeia-lo, mediante os estigmas indeléveis da fratura exposta, ora sublima- e depure-o a um valor inestimável, porque tornara-se símbolo da ressurreição à vida do que antes estivera morto. As tessituras são as marcas da vida, as rachaduras à humanidade, sua fragmentação e

perda; e, por outro, o lado daquilo que já se tivera, a vida no Éden, que fora perdida e morrera, sob “cem anos de solidão” e, eventualmente, o perdido e morto, possa ser reencontrado, rejuntado, revivificado, ressuscitado, mediante à laca de ouro da pura graça. Só que a alegria, a festa, a boda, qual insígnia sombria, suspira, em face da angústia de sua efemeridade. Possivelmente, ao achar-se o perdido, perca-se o achado...

#### 4. (Con)junções teológicas

Aqui vale um retorno a Karl Barth (KD IV/2) para manter-se em foco a radicalidade do Evangelho de Jesus, que quando bem-compreendida, não é dialético apofática, mas catafática. Não é a negatividade desde o oculto que anime à reunião, ao reencontro, à ressurreição. Não é o negativo, a falta, o vazio, a ausência; nem mesmo o adversativo, o antitético, que permita o rejunte do perdido (Noé, 2021, p. 256-270). Em outras palavras, o *perpetuum mobile* dialético não fora encetado pela perda e morte. Ao contrário, já se conhecera o todo, o jardim das delícias, da comunhão entre tudo e todos, e destes, com Deus; mas este ainda fora um mundo pueril, no bom-sentido, *naïve*, inocente, não-desperto à consciência, porque fora luz, à luz; isto é, extensão do próprio divino, sem discernimento acerca do começo d’um e fim d’outro, e vice-versa. Para remontarmos ao conceito anterior, *kintsugi*, tratara-se de um mundo, no qual, a porcelana ainda mantivera sua perfeição original, seu colorido e seus motivos indelévels, em um com o todo e todo, no um. É a própria *imago Dei par excellence*, sempiterna, onde não ocorra nenhum ruído entre essência e manifestação, pois que uma espelhe-se na outra, reciprocamente; e, naturalmente, o belo contemple o essencialmente sublime, cantando-lhe odes de louvor, com a língua dos anjos e, inversamente, o *tremendum et fascinans* se reclina do alto dos céus, por dentre às nuvens de *nume* e regozije-se com sua criação (*creatio ex nihilo*). Seria, neste sentido, que através desta, deus ame-se a si mesmo?

Spinoza distingue entre um anelo humano, poder-se-ia dizer, uma representação humana de Deus e de seu amor, do amor de Deus mesmo, que é amor espiritual infinito (V, proposição 35: “*Deus se ipsum amore intellectuali infinito amat*”), todavia, além da capacidade representacional humana. E quando seja dito deste amor, que por meio dele, Deus ame-se a si próprio, logo isso seja uma expressão ontológica para predicar a Deus uma qualidade, um “atributo” de sua essência, tal qual eternidade, infinitude, absolutez e perfeição (Ética!). (Hamburger, 1970, p. 64).

Fora necessário, sob essa perspectiva radicalmente dialética, intrínseca à tese creacional do *fiat lux*, coetânea ao ordenamento do ermo e vazio (*Tohu wa-bohu* – תהו ובהו – Gn 1.2), para que houvesse luz, vida – portanto, dinâmica, hálito e respiração –, que a antítese, o não-modelado, o que ainda precise ser apreendido e depurado, o breu, a antimatéria, melhor, a ainda não-matéria, que exceda em amplidão, o lume da luz (não a luz mesma) e que, por assim dizer, tenha por

natureza, absorvê-la, tragá-la, engoli-la, fazê-la desaparecer, encontrasse uma ranhura, inerente à impressão do ideal ao real, e assim abrissem-se os olhos do ser humano. Logo, de chofre, o Éden vira um quadro de natureza-morta. A consciência da efemeridade é tanto o outro lado da medalha da *imago Dei* quanto o penúltimo, do último; o temporal, do eterno e o viço, desperto e florido da manhã, do murcho e morto, da tardinha (Sl 90.6). Todavia, sem essa exposição à consciência do transitório não ocorre discernimento – apenas a morte natural, sem consciência:

(...) E o bicho coitado não pensa nem nada, só vem pela estrada, direito à charqueada: Deus (5x), você fez! (...) O gado coitado nasceu foi marcado, aí vai condenado na estrada, berrando à querência, deixando os homens malvados, quebrando e gritando (...) Mas manda a poeira pro rumo de Deus, berrando pra Ele, dizendo pra Deus (5x), você fez! (Ruschel, 2006).

É necessário também, enquanto intrínseco à dinâmica do ser, que o quê se partira seja recosido, reestabelecido, refeito. A *imago* não pode ser vencida pela morte, porque é luz à luz, e portanto encontra-se sob ininterrupta e sempiterna instauração à vida. Ela torna o morto, vivo; traz à luz, o perdido; dessarte é luz que atraía à luz! Sempre ponto de síntese da culminância de uma espiral dialética e, simultaneamente, dada sua compleição, imediatamente instauradora de resistência, sombra, escuridão, que, por sua vez, desencadeie nova dinâmica ao devir. Esta sim é eterna! Essa vencera a morte, como diz o Apóstolo, que brada: – onde está tua vitória? (1. Co 15.55). Todavia, sem a exposição à noite do ser, também não é possível a percepção do arrebol rutilante! Portanto, para que seja possível a amarração perfeita dessa lógica dialética, intrínseca ao cristianismo, é necessário o Novo-Adão, Jesus: este que é um com o Pai; não obstante, encarnasse, tornando-se também um e mesmo com e como o ser humano – vive seu desespero, sua vida em face da morte e desperta-o, qual Lázaro, à ressurreição, à vida. Acaso não é isso que a parábola evoca? Seu *proprium*, todavia, é que ela congela a imagem exatamente naquele ponto onde os cacos das vidas perdidas careçam de rearranjo: *kintsukuro!* A laca de ouro que afiança essa *relegere/religare* é asseverada pelo paracleto, o Espírito, uno com Pai e Filho, e ainda assim, diferenciado. O rejunte da cerâmica estilhaçada é trabalho, elaboração, ao encargo da comunhão de vidas-partidas. Em outras palavras, o que está em jogo aqui é *crime e castigo*, respectivamente, perdão e reconciliação, já sim, mas ainda não, na medida que fique aberta à realização plena, mediante nossa participação.

## 5. (Para)junções psicanalíticas

Tomáramos o dito até aqui por *prolegómena* à ressimbolização, demandada pela parábola, ora trasladando o viés filo- e ontogenético ao existencial, *pro me*, logo, certamente teríamos ao menos três caminhos diante de



nós à reintegração da *imago* perdida, mediante o rejunte das partes do todo, cindidas pelo arbítrio:

A) O primeiro é o de “um homem que tinha dois filhos”; portanto, o do pai. Sim (!), com letra minúscula, o terreno, o histórico, o social, o onto- e/ou filogenético, quiçá o da horda primeva, conforme conjecturara Sigmund Freud (2012-13). Este é idêntico ao primeiro *adamah* (אָדָמָה – Gn 2.7 – feito de barro-vermelho – HUBNER 1982: 7): este parece viver realmente em um mundo do Éden, quase nas nuvens, de plumas e flores, quando, em verdade, pelas próprias informações da parábola, trata-se de uma espécie de fazendeiro patriarcal – há época colonial de Pasárgada – que mantinha toda sorte de criados e escravos. E, neste sentido, não seja essencialmente distinto àquele, ao qual, seu caçula servirá, no estrangeiro, tratando porcos e degradando-se ao nível desses, na medida em que compartilhe de seu alimento, as (ben, des, inter)ditas alfarrobas...

É-lhe natural encarar tudo, fora seu domínio: sua pretensa majestade espelha-a na do bebê, no último do ninho, mesmo sem querer, de modo especial, auferindo-lhe o consentimento para ser e fazer incondicionalmente o que quer que seja, porque tudo lhe fora dado, tudo seja graça, perfeito e belo. Seu filho amado, em quem se compraza, é a realização de seu desejo mais profundo de gerar, quem sabe, inclusive, uma hipérbole de si mesmo, ou uma reexperiência a *posteriori*, de uma vivência própria absconsa, ao plúmbeo atávico e imemorável, de sua própria vida pré-edípica. Talvez até uma chance de perpetuação à eternidade. Há perfeita identidade entre as entidades. Tudo se alinha conforme seus propósitos, sua norma, seu juízo, seu prazer. Nada provoca estranhamento: é luz à luz; ouro, ao tesouro; mar, ao oceano! É em si, por si, e através de si próprio, sem precisar realizar-se enquanto si-mesmo! Tudo é uma extensão sua... É como se contemplasse na criação, sua própria onipotência. Lembra a cena do filme *Rei Leão*: “– olhe Simba, tudo isso que o Sol toca é nosso reino... O tempo de um reinado se levanta e se põe como o Sol. Um dia Simba, o Sol vai se pôr com o meu tempo aqui, e vai se levantar com o seu, como o novo rei.” (Disney, 1994, DVD) Portanto, há algo de inebriante, arcaico, primordial, inconsciente, indiferenciado, em suas relações com todos, quiçá mítico, inclusive com os dois filhos, porque, a seus olhos amorosos, sejam parte, extensão, de si próprio.

É interessante que justamente nesta parábola, a mãe, a mulher, ou todas as demais figuras femininas, talvez até irmãs, tão cruciais ao redator Lucas, simplesmente reclamem sua ausência. Isto talvez nos dê uma pista sobre a elaboração psíquica, que também este pai, precisará enfrentar, a partir do momento da recostura do descosido, quando a imagem da parábola seja congelada, no clímax de sua dramaticidade, à festa do reencontro. Eventualmente haja um prenúncio dessa reintegração do omitido, do reprimido, do recalcado, da *anima* (conforme Carl Gustav Jung), quando dispare em direção ao perdido retornante “com muita pena do filho”, abraçando- e beijando-o (v. 20c). Lembramos aqui do faro aguçado do catedrático morávio Freud, que enunciara a angústia da perda-objetal (*Objektverlustangst*), a mãe de todas as angústias. Neste

sentido, o desamparo interior ante à perda e morte da *anima*, se exteriorizara deslocada, na perda e morte do *enfant gâté*, objeto de todo o amor.

Todavia falta-lhe ainda, sua reelaboração, mediante atualização da relação com ambos os filhos (e com tudo o mais), haja vista que responda à interpelação do primogênito: “– [m]eu filho, você está sempre comigo, e tudo o que é meu é seu...” (v. 31) e viva o regresso do pródigo, com um quê de exagero (*Überreaktion*) sentimental, ladeado pela atitude azafamada de prontamente “ordenar” que seja vestido com a “melhor roupa”, “anel e sandálias”; não fora suficiente, “mandando” trazer e matar “o bezerro gordo”, para começar a festança (vv. 22-24). Tanto mais ressoe enigmática, neste contexto, a justificativa, “porque este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi achado” (vv. 24; 32b). O quê (ou quem?), em verdade, se perdera e morrera?

Pelo *Leitmotiv*, mediante o errante, tudo e todos! Seria, pois, uma tentativa açodada de reestabelecimento de tudo como era antes, como se nada haja acontecido, ignorando os fatos graves inerentes à crise, à divisão, à ruptura, ao cisma; portanto, uma “regressão” (Freud, 1900)<sup>4</sup>? Nesse sentido, ainda não lhe caíra a ficha, de que nada mais é, nem poderia ser, como d’antanho... É uma reação de alguém que salte diretamente do luto da perda e da morte, à euforia do reencontro e da revida. Que se trate, dessarte, de um pai onipotente, onipresente, mas insciente, diga-se, inconsciente! Um que só seja amor, puro *páthos* e ação espontânea; logo, incapaz de compreender a fratura exposta e necessária ao crescimento de todos os implicados. Como se o vaso não houvera se estilhaçado, o selo quebrado, o símbolo cindido, a cortina rasgada! Seria equivalente a afirmar que só sob a lei do pai seja possível o encontro, a vida; e fora desta, apenas perda e morte?

Todavia, não pode passar despercebido que já houvera, ainda que incipientemente, mudança na atitude do pai. Se inicialmente à parábola, este parecera totalmente passivo, haja vista que seria de se esperar um embate, resistência, inclusive recusa ao atendimento do desejo do *greenhorn*, ainda que seu pedido fosse de direito. Essa renúncia inicial a qualquer reação mais ativa, frente ao apelo desejoso do *nouveau*, quiçá via esclarecimento racional das implicações deste ato; ou, como seja bem mais comum, neste tipo de disputa familiar, o apelo ao *superego*, à consciência moral, à demoção do querelante de

<sup>4</sup> „Die ‚Verwöhnung‘ des kleinen Kindes hat die unerwünschte Folge, daß die Gefahr des Objektverlustes – das Objekt als Schutz gegen alle Situationen der Hilflosigkeit gegen alle anderen Gefahren übersteigert wird. – Sie begünstigt also die Zurückhaltung in der Kindheit, der die motorische wie die psychische Hilflosigkeit eigen sind.“ (O ‘mimo’ do filho pequeno tem por consequência indesejável, que o perigo da perda do objeto – o objeto enquanto proteção contra todas as situações de desamparo – em relação a todos os demais perigos, seja sobrelevado. – Ele favorece, portanto, a retenção à infância, própria ao desamparo tanto motor quanto psíquico). Cf. S. FREUD, Werke aus den Jahren 1925-31 (Hemmung, Symptom und Angst – Inibição, Sintoma e Angústia), p. 200. In: S. FREUD, *Gesammelte Werke*, 1952. Psicanaliticamente corretas, portanto, são as palavras: “[p]ara ele a querência é por assim dizer uma espécie de regaço materno, um lugar de refúgio, de conforto, de proteção... Não é natural que num momento de decepção, de perigo real ou imaginado, de aflição, de dúvida ou insegurança ele corra de volta para os braços da mãe?” Cf. É. VERISSIMO, *O tempo e o vento*, parte III, 2018, p. 26.

sua gana por seu quinhão, que ecoe tanto mais estranha, porque soe ser como um tanto faz, um desinteresse, uma apatia, uma distância, que eventualmente já carregue um histórico peculiar, no sentido de que qualquer iniciativa contrária, previamente, já se evidenciara estéril. Qual pai que, ao projetar em seus filhos, seus desejos de devir mais recônditos, não se frustre, ao inveteradamente sabê-los não correspondidos e, por vezes, não consiga evitar que se lhe escape uma sentença do tipo: “– [e]ste menino nunca vai ser alguém” (Freud, 1900). Seria talvez, melhor dizendo, uma espécie de agressividade passiva, do tipo, vá-se embora, sem vagar, que logo voltarás rastejando, com o rabo entre as pernas, poque nunca darás certo sozinho. Talvez não realmente assim, mas assim vivenciado pelo pai, em relação ao noviço.

Seja como for, a perda do mais-moço, deixara marcas indeléveis: o texto sugere um pai ansioso, aguardando seu retorno e, também algo deveras usual, como que sentindo no fundo de seu coração, sua volta iminente (bem como, anteriormente, com tristeza, sua perda e morte no mundo), quando, ainda “longe de casa, o pai o avistou”; e, de pronto, a dor da perda, a passividade, quiçá agressiva, fora como que totalmente dissipada e, “com muita pena do filho, correu e o abraçou e beijou” (v. 20 b c). E, no restante da parábola, o pai se torna o mais ativo de todas as protagonistas, azafamando-se, arranjando tudo, como se não coubesse mais em si, tamanha a felicidade.

Teríamos, portanto, diante de nós, um pai, à cuja histeria<sup>5</sup> subjaza, a fleuma melancólica, que rapidamente possa reverter em seu reverso, à euforia, desde que a angústia da perda do objeto de amor seja desfeita? Sob outro ângulo, diretamente implícito, o comportamento efusivo do pai, face ao retorno do pródigo, à luz dos estereótipos de gênero, tanto lá quanto cá, sugeriram um pai-mãe (um pai que usurpe inclusive a função da mãe, haja vista seu narcisismo oceânico). Em outras palavras, o carinho, o alvoroço emocional, o acolhimento e o cuidado remetam à maternagem, que eventualmente seja compensada pelo próprio pai, à medida que a parábola prescindia da presença de *ânima*. Sob essa, todavia, se esconda uma dimensão anímica ainda mais profunda: a angústia em face da dor da perda... Dessarte, um correr para lá e para cá, antecipando-se ao azo da eventual reperda, morte.

E depois da festa? Essa é a pergunta que ricocheteia no pai, após os arroubos efusivos de graça, dádiva e salvação. O haver-se perdido e encontrar-se morto, rebate no próprio pai, mesmo ainda em festa, face a interpelação do filho que ficara em casa. É o princípio da realidade que sempre acaba se impondo, ao da

<sup>5</sup> Conforme o pai da psicanálise: „Aber der Hauptanteil des Phänomens, der abnormen, übergroßen, hysterischen Reaktion auf psychische Reize, lässt eine andere Erklärung zu, die durch zahllose Beispiele aus den Analysen gestützt wird. Und diese Erklärung lautet: Die Reaktion der Hysterischen ist eine nur scheinbar übertriebene; sie muss erscheinen, weil wir einen kleinen Teil der Motive kennen, denen sie erfolgt.“ (Mas a parte principal do fenômeno, da anormal, excessiva reação histérica a estímulos psíquicos, permite outra explicação, corroborada por um sem-número de exemplos, desde a análise: a reação dos histéricos somente aparentemente é exagerada; ela precisa parecer assim, porque somente conheçamos parte ínfima dos motivos dos quais demande). Cf. S. FREUD, **Gesammelte Werke**, 1952, p. 454.

fantasia. E essa reelaboração, o símbolo deixa sob suspensão e suspense, em relação à sua parte oculta, a ser completada, à luz da revelação na vida das(os) ouvintes, leitoras(es), quem sabe também, pais e mães, ou das(os) demais, que se identifiquem<sup>6</sup> com a história do pai, em meio a, dos filhos...

Evidentemente, do pai, também seja demandada uma *metanoia*, uma reestruturação de sua função à instauração da ordem e da lei, onde ambos os filhos, o submisso e sujeito a tudo – o de servo-arbítrio – e o *enfant terrible*, o insurgente, face ao *nomos* do pai – o de livre-arbítrio – possam religar-se entre si, com o pai; e aqui, em especial, o pai, com cada um dos filhos, e com ambos: mais precisamente, ele precise abdicar algo de sua onipotência e demais ências (narcisismo<sup>7</sup>), em favor da participação e inclusão daqueles, não como meros objetos, mas sujeitos, de amor (inclusive recíproco). Psicanaliticamente, desinvestir a libido narcísica primitiva dos objetos e reinvesti-la, secundariamente. Eventualmente, dar-se conta de que como pai, eventualmente possa, mas não deva, tudo. Só assim será aberta a possibilidade ao crescimento de todos os envolvidos – inclusive de nós hoje, que fazemos essa *anamnese*, ensejada por este símbolo trinitário – e que não recaia no círculo-vicioso, do eterno retorno do mesmo precedente, que, como letra morta, diga-se mimética, leve à morte; mas sim, torne-se água-viva, verbo que se faça carne, manancial à ressurreição. Qual seria a configuração desta trias, agora refletida, consciente, morta e renata, perdida e reencontrada? Certamente não haja uma normativa que precise ser encontrada em cada relacionamento; mas uma que, sempre e amiúde, haja vista sua efemeridade, sob a ciclotimia humana, precise ser reestabelecida dinâmica- e dialeticamente. O cabal, o *parusíaco*, se dará plenamente, quando efetivamente cada uma das protagonistas da relação conseguir, conforme Martin Buber, espelhar-se no Tu, para tornar-se eu (Buber, 1923, p. 3).

Por fim, nunca será redundante demais, chamar a atenção, que haja um sujeito oculto à parábola, um(a) que assista e descreva basicamente três cenas: a do primo-; a da festa da vida, e a do último-gênito. O pai assume um papel preponderante em todas. Portanto, enquanto boa-nova *pro me*, eu ouvinte/leitor(a), sou convidado(a) a refletir sobre a “identificação” que me sobrevenha espontaneamente, como *Gefühl zur Anschauung*.<sup>8</sup> O símbolo me interpela para que deixe meu lugar absconso e me envolva à trama. Qual seja meu ponto de inserção nesta “espiral hermenêutica”, dependerá de minha vida (*pro*

<sup>6</sup> “Processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro.” Cf. LAPLANCHE&PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise* (verbetes “identificação”), p. 226.

<sup>7</sup> O narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido sobre si

mesma, O narcisismo secundário designa um retorno ao ego da libido retirada dos seus investimentos objetivos. Cf. Laplanche&Pontalis, *Vocabulário da psicanálise* (verbetes “narcisismo”), 2016, p. 289.

<sup>8</sup> Sentimento à compreensão: Cf. F. D. E. Schleiermacher [1799/1806/1821], *Über die Religion*, 2012.

*me*, significa que posso reviver todos os papéis/funções/*personas*<sup>9</sup>, seja da perspectiva do pai, do primo- ou do último-gênito, e completá-los, inconscientemente, com minha própria vivência, à reelaboração consciente).

Se, todavia, considerarmos o oculto, em uma leitura teológica forte – como a “dialética” de Karl Barth, no sentido de que o *principium tertii exclusi* se refira ao próprio Deus, logo não poderemos fugir à constatação, amiúde, da “infinita diferença qualitativa” (Noé, 2021, p. 256–270) d’Este, ao pai terreno, tão humanamente humano, que mesmo achando-se só amor, acabe sendo a pedrada-toque de ambos os filhos, diferentemente entre si (ao último-, por amá-lo demais e ao primogênito, de menos); e, não por último, a si mesmo, pois que a parábola se lhe apresente um espelho, onde seja refletido o desespero, a angústia da perda do objeto do amor; ou seja, a malograda tentativa de investimento, desinvestimento e reinvestimento amoroso. Sua autoimagem poder-se-ia sintetizar, com a devida vênica artística ao Ivan Karamazov, de Fiodor Mikhailovich Dostoiévski, se o pai existe, tudo é permitido, o que colide frontalmente com a realidade da recepção subjetivo-individual deste amor narcísico, pelos filhos.

B) O primogênito, o herdeiro, o que leva o nome do pai adiante, de geração em geração, desde sempre, é o que fica em casa: “estava no campo” (v. 25 a) e, como o pai<sup>10</sup>, ordena empregados; “ficou zangado e não quis entrar” (v. 28 a) na festa; trabalha “como um escravo”; nunca desobedece uma ordem sequer; jamais teve qualquer recompensa, nem ao menos “um cabrito para fazer festa com os amigos” (v. 29); é o que não entende e reclama do comportamento do pai: ao invés do bom, que faz o bem (o certo), é o mau, que faz o mal (o errado: o desperdício, a luxúria), o recompensado (v. 30).

É uma injustiça que brada aos céus, uma inversão total dos valores; é um justo que se queixa àquele que detém a prerrogativa da norma, do juízo, que justamente ele próprio a subverte, solape e arruíne, pela sua condescendência. E se fosse eu, o extraviado? Valeria para mim o mesmo tratamento *laissez-faire*? Tenho certeza de que não: a liberdade só vale a “esse seu filho” (v. 30 a)! Ele sempre foi o mimado, a menina dos olhos, a quem tudo fosse perdoado, mesmo antes das malas artes. Sobe-lhe o fel, que o engasgara com uma cólera muda, fria, ofídica, intoxicante, contagiante, ressentida, desgraçada. Teria ele sequer tido outra opção? Tudo indica que não! É o fardo do mais velho: é preciso que fique em casa, seja o mordomo da criação, siga tudo *ipso facto*, preserve o clã e a tradição.

Recém mediante o contraste, que demandara do ‘choque’ face ao retorno e à renascença do outro – daquele filho do pai –, é que sua cegueira fora confrontada. Qual pai, ambos viviam sob uma relação inconsciente, cimentada à lei heteronômica, seguida de geração em geração, onde cada parte das relações familiares, respectivamente sociais, tem seu lugar pré-fixado, sob uma autoridade

<sup>9</sup> Aliás, esta parábola em especial, é um convite a um psicodrama, oxalá, bibliodrama. Cf. M. M. SOUZA, **A importância da teoria dos papéis de J. MORENO para o bibliodrama**, 2014.

<sup>10</sup> Estaria em jogo aqui o que Anna FREUD chamara de “identificação com o agressor”? Cf. Anna FREUD [1936], *O Ego e os mecanismos de defesa*, 2006.

imperiosa, pré-estabelecida, desde os tempos mais imemoráveis. Esta sim, sem que haja ciência, é uma inversão total dos valores: mediante esta, a vida é em função da lei, quando, em verdade, conforme a Boa-Nova reitera, deveria ser o contrário: a norma, à vida, respectivamente, ao amor, à alegria da salvação do reencontro (cf. Mc 2.27).

Fora toda uma vida sob um duplo-cego: de um lado um pai, sempre ele mesmo, como sempre era, é, e haverá de ser, *ad aeternum*, pois não fora interpelado pelo diferente, à conscientização, de que a árvore, mesmo a mais frondosa em bondade, magnanimidade, benevolência, implique, à mesma proporção, digamos do tamanho de um angelim-vermelho (*dinizia excelsa*) ou de uma gameleira/figueira (*ficus-organensis*), mais sombra, a seu pé. É evidente que, ao passo que represente abrigo, segurança, refrigério, fortaleza, de um lado, demande que nada ou muito pouco possa crescer, quando, ao longo de toda uma vida, permaneça sob sua sombra. E de outro, um filho, à cegueira da sombra encorpada pelo pai, que não encontrara autoconfiança suficiente para aventurar-se rumo à luz, ao Sol: nunca desobedecera uma ordem sequer; inclusive, não tivera a coragem de pedir, e esperasse em vão, como gesto de reconhecimento do pai, um “cabrito para fazer festa com os amigos” (v. 29); algo que, ao final das contas, jamais sucederia, simplesmente porque pai e filho, filho e pai, fossem um; nunca se separaram e, portanto, imperasse entre eles, uma cegueira recíproca, uma simbiose absconsa, no tocante aos desejos de um e de outro; só que, o que sirva à glória e ao poder de um, implique necessariamente, renúncia e impotência do outro – digamos “castração”<sup>11</sup>, “interdito”, neste caso, sinonímicos da desdita, da desventura.

Este filho sempre permanecerá filho: “você está sempre comigo, e tudo o que é meu é seu” (v. 31). Mesmo que algum dia venha a ser pai, em sentido biológico, continuará sendo o filho que ficara em casa, reproduzindo uma mimese cega, servil, escrava, e, o que seja pior, comensal, sob a sombra, o que também leve à perdição e à morte, em sentido anímico-psicológico, mesmo em vida. Tanto isso é verdade que, em face da festa da *parusia* (parcial), do reencontro e do retorno à vida, sua reação – digamos – fora pura agrura, catexia envenenada, *thanatos*, “pulsão fratricida”, “investida” neste “esse seu filho” (v. 30 – veja bem! – não irmão!), que é revoltada ao pai, sob uma verdadeira torrente de acusações e censuras. Mesmo que a princípio pareçam um surto de cólera/ira (v. 28), e se assim o fosse, teria a vantagem da transitoriedade, como qualquer explosão intempestiva, e poder-se-ia esperar, tão logo a água revolvida decantasse, que também este participaria da festa da reconciliação.

Mas esse não é o caso! É uma recusa que vem do fundo d’alma, um “não querer entrar” (v. 28), porque isso demandaria o reconhecimento, a consciência, de que todo o servilismo, todo o sacrifício, toda a renúncia, a quintessência de sua vida, somente lograra ser sido cansada e enfado – ilusão –, à espera de uma

<sup>11</sup> “O complexo de castração está em estreita relação com o complexo de Édipo e, mais especialmente com a função interditoria e normativa.” Cf. Laplanche&Pontalis, **Vocabulário da psicanálise** (verbetes “identificação”), 2016, p. 72.

recompensa que não seria recebida, nem vivida, sem arriscar-se em desafiar a norma; logo, o pai. Ressoa em sua atitude, aquela aos talentos: “[p]atrão, aqui está a sua moeda. Eu a embrulhei num lenço e a escondi. Tive medo do senhor, porque sei que é um homem duro, que tira dos outros o que não é seu e colhe o que não plantou” (Lc 19.20s).

Portanto, trata-se de um rancor (também passivo-agressivo?), marinado ao longo de toda a vida, que a cada atitude do pai e “[d]esse seu filho”, só aumentassem sua frustração, impotência, ignomínia, sentimento de inferioridade, sua *destrudo*, voltada para dentro e, portanto, corrosiva à alma; essa transborda, inclusive no eu, como um queixume emudecido e desapoderado, ao longo dos anos; certamente, todavia, esteja longe de aceitar a justificativa do pai, quanto menos “[d]esse seu filho”, em seu coração, há tempo desidratado, definhado, perdido e morto. E essa precisamente talvez seja a *pointe* na atitude do primogênito, e com isso, da própria parábola: o paradoxo de que onde se tenha tudo, nada se tenha! Ou seja, que não se possa perder nem reencontrar nada, sem que antes nada seja perdido ou extraviado – e, não obstante, haver ciência desta perda!

Oxalá as pedras comecem a rolar... Quem sabe, desde essa primeira catarse, este protesto diante do pai-idealizado não possa abrir uma margem ao estreitamento do vínculo à realidade, que, neste caso, nada mais poderia ser, do que também buscar seu lugar ao Sol e, eventualmente, perder-se e morrer, para reencontrar-se e reviver? Formulado dialeticamente, significaria dizer, que a verdadeira antítese, neste símbolo evocado pela parábola, ao contrário do que pareça patentemente, não se situe na função do último-, mas na, do primogênito. Sua *metanoia* também significa reencontrar-se e reviver! Só que, evidentemente, também aqui, tal elaboração fica suspensa e aberta à nossa coparticipação. E, precipuamente, possa ensejar uma mudança de ideia do pai, algo recorrente à representação de deus no Antigo Testamento (por exemplo, Êx 32.7-14<sup>12</sup>).

Transliterado em vocabulário psicanalítico, teríamos a arqueologia d’uma alma, onde, sob uma primeira camada, escavássemos um primogênito refém do *nomos* paterno, porque carecesse de coragem para, no tempo certo, quando do primeiro enfrentamento de seu Complexo de Édipo, apresentar-se ante ao pai, como protagonista de sua própria história; e, sob uma segunda, já bem mais imemorável, um caso clássico de uma estrutura de personalidade, que aprendera a responder à angústia do imponderável, entre soltura e retenção, a segunda estratégia; logo, fixara-se à fase anal, desenvolvendo um *pathos* tipicamente obsessivo-compulsivo. Seu elã vital justamente seria o de segurar, reter, conservar, preservar, para que jamais se perca; portanto jamais careça de ser procurado e reencontrado. O problema deste cálculo, é que justamente o ônus seja lançado na conta da insatisfação do desejo e, por isso, a vida fadada ao sacrifício, sem uma brisa sequer, de liberdade. E isso que quereria só um pingão de reconhecimento pelo pai, de que estivesse fazendo tudo direitinho, inclusive, o cocô.

<sup>12</sup> Cf. <https://www.luteranos.com.br/textos/deus-mudou-de-ideia>

C) E, dessarte, chegamos ao epicentro do drama: o *plus jeune*! É possível sufocar de amor? Essa é a pergunta de Gide! É possível compreender que alguém sinta no fundo de sua alma, que para ser alguém seja necessário deixar o calor do ninho, aventurar-se em um voo às cegas, desajeitado, desengonçado; perder-se no mundo, embriagar-se de vida, sem que ainda se tenha consciência de seus perigos, suas ciladas, quiçá mortíferas? Que possa ocorrer também uma espécie de intoxicação por amor – excesso de zelo, cuidado, temor; perdão de pronto, inclusive, à maioria das vezes, sem a necessária expiação; uma *Bevormundung* (tutela), que se antecipe aos erros, equívocos, desmazelos, malas artes e, por isso, não conceda o devido espaço ao necessário desenvolvimento à *Vollmündigkeit* (maioridade plena). (Moser, 1976).

É evidente que este infante também poderia ficar em casa, e certamente esse seja o desejo oculto de toda mãe–pai (e vice-versa) coruja. E seria bem mais cômodo, vantajoso, tranquilo, sem solavancos, e menos exposto a perigos imponderáveis. Só que o preço seria a renúncia do mais sagrado ao ser humano: sua necessidade de devir, de tornar-se si-mesmo, uma pessoa, com necessidades e desejos próprios, e precise ir em sua busca, no mundo, mesmo que isso implique o perigo do extravio e da morte. E acaso este, o último, não sentiria que é o dileto tácito; que o pai o fitasse com olhos doces e que seu irmão mais-velho, embora pareça entretido com uma miríade de afazeres, não o espreite com o canto do olho, de soslaio, e sinta a dor de ser preterido, e vá marinando, em baixa-quentura, um ciúme e ódio ressentido? Que o fardo do mais novo seja exatamente o de ter que fazer de sua vida algo diferente, já que o igual já se encontra preenchido pelo pai e pelo irmão mais-velho...

Em outras palavras, apesar de parecer o contrário, nada é seu, porque tudo já fora distribuído, desde sempre, inclusive, mediante a lei (Deuteronômio 21: 15-17 determinava que o primogênito tinha direito a duas partes de tudo que o pai possuísse). Ficar em casa equivaleria tanto a morrer à vida quanto sair de casa, viver à morte... Destarte, também não tenha opção, que não seja, reivindicar seu quinhão e perder-se na imensidão da vida. Quanto mais longe, melhor! Quem sabe, em outro país, um lugar onde tenha e possa começar-se do zero e, literalmente, na pior das hipóteses, comer o pão que o diabo amassou, as alfarrobas; portanto, descer ao mundo sob à imundície, pois que estas bagas lá servissem de alimento aos suínos: mais abaixo, por suposto, pela subversão dos valores de casa, da norma heteronômica do pai, da lei de seu povo, não poderia chegar.

Embora diga-se que o poço sempre possa ser ainda mais profundo, independentemente da fundura em que se caísse, parece que efetivamente houvera um átimo de presença de espírito, neste íterim: – “e caiu em si!”. Digamos, logo, que também o transcurso de sua vida fora normal, no sentido de natural, comum; que sair de casa, seja uma lei tácita à vida; contrário-senso, ficar em casa, também paralelize ao não-ser, ao menos, enquanto sujeito, protagonista de sua própria vida, como denote a história do irmão mais-velho. Quem não



lembrará, neste contexto, do imperativo categórico da necessária morte (simbólica) do pai (Freud, 1913)?

Não obstante, é precisamente essa dialética que contrasta, como paralelismo antitético, à morte em vida, também do primogênito, e que permita a revolta à vida, em meio à morte, ao temporão! Sem a queda-livre à vida, sem a aventura – “sem lenço e sem documento” (Veloso, 1976) –, que implique morte, não haverá consciência à vida: é a perda-morte que desperta o reencontro-vida! Só assim os olhos se abrem! Quem não ousar perder-se no absconso, além da borda, jamais poderá achar-se perdido e viver-se morto; tampouco, achar-se-á, no reencontro, e renascerá, à vida.

Todavia, também no caso do filhote mimado, não deixa de ser intrigante, o caminho através do qual a parábola simboliza sua procura e morte, ainda em vida. O primeiro passo ao enfrentamento da posição monopolizada pelo pai – vá lá, talvez não tão tirano quanto Sigmund Freud o imaginara em seu Totem e Tabu – fora pedir-lhe a partilha. Isso em si já não deveria ser menosprezado, enquanto elaboração psíquica, que exija muita “coragem de ser” (Tillich, 1952). Pode ter sido, tão-somente, um arroubo de rebeldia, típica de jovem-adolescente<sup>13</sup>, a reeditar, em uma segunda e derradeira tentativa, seu Complexo de Édipo – o que certamente salte aos olhos empiricamente, pois seja ubiquamente experienciado e conhecido. Sem embargo, implica um quê de vontade, resolução, determinação, deliberação, arbítrio; logo, digamos, um lampejo de consciência intuitiva de que seu *utopos* encontre-se espreado neste “eta mundo velho sem porteira” (Verissimo, 1962). Onde? Não importa, o que urge, é dar o fora!

Portanto, simboliza um primeiro e incipiente passo à autonomia, para além da heteronomia da casa paterna. Ao menos até ao ponto em que se trate de uma empreitada, como todo, um tanto arriscada. Lembra a saída filogenética dos escravos do Egito, não só sob este aspecto, mas n’outro, ontogenético, a ser assinalado, mais adiante. Os recursos são limitados, escassos, e o mundo é grande: do quão seja fácil perdê-los rapidamente, ao menos intuímos, se é que já não o vivenciáramos..., ainda mais, quando haja tamanha fome e sede reprimida, recalçada. É o desejo sem-porteira, o inconsciente, o *Es*, o isso-voraz, que consome a própria alma, a ponto de perder-se, extraviar-se, fora de si-mesma, no absconso, sem-contornos, oceânico, ilimitado; que nunca se saciará, sentir-se-á compensado, de todo e de tudo, porque replique uma perda bem mais originária, ancestral, indelével, inefável e profunda (a terrível angústia ante a perda do amor da mãe, que justamente caracterize o rasgo da ferida narcísica), em face da qual, o restante dos objetos do mundo, mesmo os mais caros, nada sejam, ou apresentem-se, tão-somente, como meros simulacros pálidos: esses só logram aumentar, ainda mais, a sofreguidão!

Em todo o caso, introduz o conflito no núcleo da família-santa, ideal, natalina, presepiana, onde tudo, aparentemente, seja paz e amor. Melhor,

<sup>13</sup> Em todo o caso, o mancebo ainda não chegara aos 20 anos, pois, neste caso, já deveria estar casado, conforme à Torá.

descerra os túmulos caiados e expõe sua fealdade: intrigas, predileções, amarguras, sofrimentos, lutas, imposições, sacrifícios, tiranias, em seu subsolo. A ferida aberta e exposta ao ar tem mais chances de cura àquela purulenta e escondida, ainda que sob um manto de seda. Em alguns casos, é necessário alguém tomar coragem e enfiar a agulha, fazer a incisão. Com isso, mediante um pouco de pensamento dialético, em sentido lato, expõe-se a simultânea antítese, inerente a cada tese: não há luz, sem sombra; dia, sem noite; (re)encontro, sem perda; vida, sem morte – e, naturalmente, vice-versa!

Dessarte, já é preciso antecipar uma conclusão prévia, à dinâmica introduzida pelo conflito, pela ruptura, pela busca por emancipação e autonomia: é um impulso à reconfiguração da totalidade das relações implicadas entre si e consigo mesmas. O desfecho, todavia, mui a propósito, não poderia ser desenhado d'outro modo pela parábola, para justamente corresponder à sua natureza: este somente poderá ser inscrito no escrito, mediante nossa própria vida. O passo central é o “cair em si” – este talvez seja também deveras conhecido: o dar-se conta do desespero, implicado ao encontrar-se perdido, viver-se morto; a tomada de ciência do abismo, ao qual certas decisões, no mínimo precipitadas, senão equivocadas, desde o puro desejo, possam levar-nos. Não ser senhor em sua própria casa, deixar-se levar pelo vento, como “[u]m certo capitão Rodrigo” (Verissimo, 1970), montado em seu corcel, que cruza a imensidão do pampa, como um corisco, rumo ao finito-galáctico, em busca do gozo, por sua natureza, incomensurável e insaciável; sem nenhum tipo de estribo, encontrar-se sempre sob o risco de precipitar-se no “vale dos ossos-secos” (cf. o poeta-maior Ezequiel 37), pois que não possa furtar-se ao vento, quem nascera à ventania, ao final do fim; ao debaixo do embaixo; à autonegação da denegação; à nulidade (*Nichtigkeit*) da impotência – “vai potro sem dono, livre como eu” (Fagundes, 1986).

O que era pura exteriorização, despejo, extra-vaso inconsciente no mundo, levava ao limite: a queda acaba, não quando tudo se desintegre, ao atingir o degredo, porque aí já não haja mais volta, mas quando, ao invés de um cair para fora, comece um cair em si, de volta para dentro; um retorno, uma volta, um regresso, uma reintegração – poder-se-ia dizer também, um recolhimento da libido, lançada a esmo aos quadrantes, amiúde, em si-mesma. E neste “cair em si” encontra-se, sem dúvida, o epicentro, o núcleo-duro, a quintessência, da sabedoria judaico-cristã, há milênios cultivada, desde a tradição oral, até alcançar seu acabamento, depuração, burilamento, para concentrar- e eternizar-se sob texto escrito, mui bem refletido e disposto, no conjunto dos demais, para disseminar sua semente:

[n]enhuma outra parábola do Novo Testamento é contada tão detalhada- e psicologicamente densa, quanto esta – uma joia cristalina, em cujas camadas fronteiriças clivam-se os pontos-de-vista de três pessoas distintas, acorde à perspectiva contemplada pelo(a) observador(a). (Drewermann, 2009, p. 234).

E, em alcançando terra fofa, possa ser reapropriada, diga-se, quando amadurecida e à disposição da cognição, do sentimento e da vontade à ação, possa vicejar, qual diminuto grão-de-mostarda e tornar-se árvore gigantesca, qual seja, aquela que somente alguém imbuído desta cultura milenar poderia reconhecer, ao instaurar como regra-de-ouro de sua psicanálise: „*Wo es war, soll ich werden!*”:

Ainda assim, queremos admitir que os esforços terapêuticos da psicanálise selecionaram um ponto-de-ataque semelhante, haja vista que sua intenção seja a de reforçar o eu, torná-lo mais independente do superego, alargar seu campo de percepção e ampliar sua organização, de modo que possa assimilar novas partes do isso. Onde era isso, haja eu. (Freud, 1933, p. 111).

Este passo não era totalmente ignorado pelo catecúmeno: lá atrás, ele já “caíra em si” e, ao menos intuía que para devir, precisaria lançar-se no mundo; para encontrar-se, primeiramente precisaria perder-se, até as últimas consequências; deixar-se morrer, ao que era, para dar espaço ao tornar a viver, cuja reconfiguração, diga-se de passagem, mesmo ao cabo da parábola, continue aberta, à nossa participação simbolizante. Agora, amiúde, a própria contingência da vida, confronta-o, nua e cruamente, com o “princípio da realidade”; mas por que não podemos viver sempre desde o “princípio do prazer”? (Laplanche; Pontalis, 2016, p. 368) Ora, porque somos humanos, o que implica a ambivalência ontológica entre *Eros* e *Tanatos*, como, mais uma vez, o mago de Příbor (Freiberg in Mähren) reconheceu argutamente: pior, este sobeje, àquele! Por quê? Simplesmente, porque sempre vença, ao menos ao cabo, em face da realidade da morte: „*Du bist der Natur einen Tod schuldig!*” (Deves à natureza, uma morte – Freud, 1900a)

E isso tanto é verdadeiro que sociedade e cultura, religião e filosofia simbolizem tentativas de elaboração, quiçá sublimação, deste impulso tanatológico inerente, para o ser humano, minimamente, aprender a defender-se de si mesmo e dos demais; isto é, do *homo homini lupus*. Só assim, todas essas artes também alçam seu verdadeiro sentido: como renúncias pulsionais, para debelar a anomia do naufrágio às próprias pulsões (*Triebe*). A lei, neste sentido, é fundamental, porque implica renúncia de um lado, para ganho, de outro: pela abdicação e transformação de parte de sua liberdade, exteriorizada via lei, e reintegrá-la via *Über-Ich* (o eu, sobre o eu), é que deixamos de ser bestas e podemos conviver, mais ou menos em paz, entre as gentes. Portanto, uma atitude sensata, razoável, racional, ainda que, enquanto sussurro interior, remeta ao Deus inconsciente de Viktor Frankl (1974). Não há como deixar de lembrar aqui, amiúde, o aforismo, na voz de Ivan Karamazov, “se Deus não existe, tudo é permitido” (Dostoiévski, 1879, p. 109) E o “cair em si”, precisamente neste contexto, nada mais seja, que a franca constatação da realidade da miséria de sua situação, em todos os sentidos, e de sua aceitação peremptória, como passo indispensável à mudança de atitude.

O que provoca a dinâmica na reelaboração psíquica, à atualização, à consciência, à negação da denegação, em face da experiência apofática, é a própria constatação da realidade: “eu estou aqui morrendo de fome” (v. 17b). Portanto, não é a lei exterior, diga-se, a moral; nem a interior, *Gewissen* (a consciência moral interior), o motor, à ressimbolização psíquica; e sim, a privação do mais básico – a fome! Por conseguinte, o restante soe como uma historieta para narrar ao bomvelhinho (um mecanismo de defesa – racionalização?), contando com sua benevolência, sempre já sentida e vivenciada (talvez antagônica ou assimétrica à experiência de vida do primogênito) e a tentativa de dar-se bem novamente, de modo calculado e, por que não, calculista...

E tudo acontece exatamente como planejado? Não! É surpreendido! Tudo é diferente do planejado. Sequer tivera tempo hábil para começar sua ladainha bem-pensada, quiçá decorada, da *contritio cordis, confessio oris et satisfactio operis*. Essa liturgia que transforma a individual, em universal, eivada pela culpa, e que leva ao sacrifício e à expiação, é uma neurose tão desconhecida desta metáfora à vida, que sequer haja tempo para essas coisas, demasiado humanas e, portanto, reféns de um ciclo-vicioso, do qual não haja verdadeira libertação, diga-se, redenção, salvação! Antes de conseguir reproduzir parte de sua ladainha de uma pretensa *metanoia*, é surpreendido e ‘desarmado’ pelo pai, que o avistara de longe, e viera correndo ao seu encontro, abraçando- e beijando-o (v. 20 b, c). E não só isso, de pronto, restabelecera-lhe a condição de filho, simbolizada fartamente pelas roupas, sandálias e pelo anel. Não fora suficiente, a alegria, quase dir-se-ia, euforia, do velho-pai mostrara-se tão extravagante, tão sem limites, tão incondicional, que incontinenti demandara grande festa, especial, única, porque servira no banquete, o “novilho cevado”.

Em suma, do inferno ao céu, desde a queda fora de si, à queda em si... Seria um *happy end*, a Hollywood, se ora tudo acabasse! Mas não é assim... A aceitação incondicional, o puro amor, a *gladio cordis*, a festa espontânea, a confraternização, com o que há de bom e melhor; a espera ansiosa, a corrida ao encontro, o abraço efusivo, a demonstração franca de afeto, que nada possa destruir, sequer eivar, nem mesmo o voo sem asas direto ao precipício do ser humano – nada disso conta! É a simples graça, dádiva, pelo reencontro do perdido; do morto, revivo.

Isso é tão inesperado, que, embora o noviço ainda possa balbuciar algo de seu estratagema, à estrita sobrevivência, acerca do *hamartia* – embora não fosse totalmente ignorado –, tudo isso é imediatamente sobrepujado pela comunhão à vida. Neste sentido, provisoriamente, poderíamos concluir, auscultando tão-somente o *script* do neófito, que o princípio do prazer, face ao qual não haja nenhuma censura, nem reprovação exterior, *a priori*, ao menos da parte do Pai, como soe ensinar a vida, cedo ou tarde, vá de encontro ao, da necessidade. E, quanto a esse choque, não possa restar dúvida, acorde à parábola, que este se imponha à vida, de um jeito ou de outro. Mais, que justamente essa seja uma das elaborações psíquicas mais importantes, a de aguentar este confronto de titãs e não ser esmagado nem por um, nem por outro; mas desenvolver, entre ambos,

uma pequena fresta à liberdade – o eu-consciente. E este ensina, neste caso, que seja necessário recolher-se da perda no mundo e reintegrar-se à casa; que não haja encontro da vida, *au contraire*, da morte, ao viver-se e dispender-se tudo fora da casinha.

Mas, conforme o cálculo, seria uma “regressão” à heteronomia, uma malograda busca da autonomia, cujo pior e mais provável cenário, culminaria em uma mordaca ainda maior, frente à necessidade da maioridade, mediante uma vida como um “dos trabalhadores” (v. 19 b), senão “escravos”, sob reiterada resignação ao *nomos* e *oikos* paterno. Neste caso, não haveria reencontro, ressurreição à vida! Haveria subjugação e autonegação! Efetivamente, a ação que verdadeiramente recém possibilite um salto à confiança, à fé, são os braços abertos ao acolhimento do pai. E essa não dependa nem do pródigo, nem de quem ouça, leia ou veja, sua vida espelhada, nesta intensa atividade de simbolização, em busca de um compromisso subjetiva- e objetivamente condizente à colisão interior entre desejo e necessidade; todavia, no entorno do mais próximo, ao invés do, mais extenso.

E que o confronto com o *extra nos* possa ser qualitativamente distinto, bem o mostram, tanto a atitude do pai quanto a do que nunca se perdera, nem morrera e, portanto, nunca pudera reencontrar-se, nem reviver. E é precisamente neste corte que termina a alegoria: as pré-condições já foram antecipadas, a certeza da graça asseverada, bem como, o conflito com quem nunca fora embora e não compreenda que precise mudar, nem se mudar, porque já gozasse de tudo e, no máximo, mediante um erro sequer, esteja permanentemente sob ameaça de extraviá-lo e, dessarte, retenha-o só para si, inalterado e intocado (o que amiúde remeta-nos à parábola das moedas – Lc 19.20). Em suma, o lado oculto do símbolo, que até aqui já preenchêramos inconscientemente, ora enseja uma ponderação consciente para seu desfecho. É um convite a uma encenação bibliodramática, porque clame aos céus, se, depois de todas essas vivências, tudo volte a ser como d’antanho: uma vida familiar, cuja tríade de relações inconscientes implique, onipotência do pai, predileção do último-nato, experienciada severamente pelo primogênito, e sufocamento e estreitamento dos horizontes, do indez.

Resta ainda ponderarmos o tipo de estrutura psicológica que eventualmente caracterize este ovo do ninho. Não há dúvida de que sempre já fora amado, talvez excessivamente, como com aquele cuidado, muitas vezes dispensado pelas famílias, ao mais-novo, quiçá temporão. Todos os riscos e perigos já são antecipados, por uma atitude previdente do pai, com característica materna. Com isso “*his majesty, the baby*”, passa a ser o núcleo da autoimagem e das relações para com o mundo, com os demais membros da família e com as pessoas de modo geral, e passa a ser pautada pelo próprio *si* inconsciente, que gera uma bolha narcísica em derredor, extensa, para além do período propício, em que este conflito psíquico fundamental, haveria de ter sido elaborado. Em outras palavras, o mundo é inconscientemente encarado como à sua disposição. É evidente que no seio da família, mesmo sob o protesto mudo do irmão maior, este mundo possa

ser sustentado artificialmente, às vezes, ao longo de toda uma vida. No mundo, não obstante, ser tratado como majestade, tem seu preço. E enquanto o soldo durasse, esta *fata morgana* estava assegurada. Depois do último vintém, entretanto, vem o abandono... E essa talvez seja a marca deste jovem: uma ambivalência fundamental entre o desejo de ser amado e, simultaneamente, o tédio, ao sê-lo. Dito de outra maneira, uma melancolia profunda, sôfrega, insaciável, porque mesmo quando compensada, seja incapaz de preencher o vazio deixado pela ausência e falta da mãe.

## 6. Um caminho hermenêutico-psicanalítico possível

Tudo leva a crer que tenhamos diante de nós, através da parábola do filho pródigo, um caso paradigmático de reelaboração do “complexo de Édipo”. Senão vejamos: a) temos um pai onipotente, ainda que, inconsciente; b) um filho primogênito subserviente, oprimido por renúncias e pelo sentimento de ter sido preterido, bem como, afetos correlacionados, tipo inveja e ódio mudos, em relação ao seu irmão mais-novo e, por extensão, ao patriarca; c) e um filho que, mais levado pelo desejo do que propriamente por uma resolução consciente, decida exigir do pai seu direito, para seguir em frente e buscar sua autonomia, equivalente a uma nova-vida, sem todavia, encontrá-la.

Se, ainda assim, este seja ressimbolizado, mediante nossa inserção à face oculta do símbolo, obteremos por resultado um curto-circuito: é um complexo de Édipo, cuja resolução malograra, pois o pai ainda se mantém cego de amor, em relação aos desejos e necessidades dos filhos, em particular (pois que, evidentemente, os irmãos tenham desejos e necessidades diversos entre si e, por sua vez, estes, em relação ao pai); o primogênito, além de nunca haver sentido necessidade, nem coragem, para reelaborar seu complexo, haja vista ser uma extensão do próprio pai, quando ora confrontado com o irmão mais novo, que ao menos tentara procurá-lo, soçobre por ciúme, rancor, quiçá, ódio-fratricida; o último-gênito, que em tudo lembre o arquétipo da epopeia do herói de C. G. Jung, não fora, a bem dizer, um anti-herói; ou melhor, um herói-trágico, *via negationis* – e não é que justamente este desperte em muitos de nós, certa comiseração especial (uma transferência e, com isso, empatize-nos com a reação do pai, por dó), dado seu atabalhoamento, por assim dizer, parafraseando nossa própria vida –, que nos instigue à identificação, mas sucumba às expectativas, tanto próprias quanto daquelas(es) que se insiram inconscientemente em sua jornada; portanto, amiúde, nós, que ao final das contas sejamos confrontados com a triste realidade de que tudo não passara de uma ilusão, uma busca em vão de autonomia, face à qual, só reste-nos reconhecer a impotência e o desejo regressivo de retornar às “panelas de carne do Egito” (Êxodo 16. 3; aliás, a jornada de Moisés pode mostrar um contraponto interessante, já que a libertação da escravidão só seja possível mediante o sofrimento da saída, tanto onto-, quanto filogeneticamente).

Ou seja, com ele, revivamos nossa impotência, castração, interdição, frente a um pai onipotente, concentrador e monopolizador de todos os desejos e recursos à satisfação e nos sintamos a léguas de distância do irmão, que ficou em casa, porque este sequer se arriscara a requerer seu lugar ao Sol. Isso equivaleria, portanto, a reinstuição e perpetuação do complexo de Édipo, e não, sua resolução, quiçá, superação. Tudo não teria passado de um rompante de anelo por si mesmo, logo novamente reprimido, pela sempiterna realidade, de que seja necessário curvar-se diante de seu poder.

Logo, se também à perspectiva anímica, a palavra seja boa-nova, alento, libertação, reencontro, ressurreição, mesmo que sob o viés do drama edípico, o texto enseja uma resolução que transborde à nossa vida, então as pistas à salvação sejam desmilinguidas e talvez possam ser subsumidas, da seguinte maneira: sem que ninguém se perca e morra, nada sucede, tudo permanece igual; é necessário que alguém se perca e morra, para que possa reencontrar-se, ser reencontrado e reviver; em face da perda-reencontro, morte-revida, caso nada seja alterado nas relações, o conflito só tenderá a aumentar, ainda que mudo, passivo-agressivo: a) a queixa do primogênito, que se sente preterido pelo pai, cego de amor; seu fel marinando o ódio ao irmão dileto; b) a angústia do temporão, dada sua malfadada desventura e ressubmissão à vida, que também não seja verdadeira, porque asfixiante de amor e sua incapacidade de lidar com os conflitos necessários e intrínsecos à sua própria dinâmica inconsciente; c) e, não por último, o desespero de um pai que não compreenda onde possa ter errado, pois que seu coração seja transbordante de amor para com os seus e tudo que seja seu, seja deles.

E não só isso: para que seja uma reedição (porque o contexto sugere um filho adolescente-tardio, em vias de tornar-se adulto, e não uma criança entre 5 e 8 anos de vida, que precise aprender a lidar pela primeira vez com sua necessidade de depor o pai) do complexo, falte explicitamente o terceiro elemento desta trias, que, em verdade, seja a pedra-angular implícita à crise, a mãe, ou figura feminina, a *aníma*. Eventualmente, quiséramos forçar um tanto a parábola, poderíamos inferir que o pai que se apresenta à segunda parte da parábola, em especial, mediante sua alegria, corrida de braços abertos ao reencontro do perdido, seja um pai-maternal – algo, diga-se de passagem, também recorrente, em diversas experiências familiares, embora mais frequentemente, em sentido inverso, enquanto mãe-paternal. Aliás, a representação de deus como pai-mãe ou mãe-pai poderia descortinar novas perspectivas à elaboração psíquica da função espiritual!

E, não por último, para que a parábola espelhe Édipo e aponte alguma pista à sua reelaboração psíquico-espiritual, o evento central haveria de ser o destronamento do pai. Sem esse, nada é permitido, como mui bem auscultara Jaques Lacan (Godói; Noé, 2018). É sua pré-existência e morte, evidentemente simbólica, que recém permite a anomia, que, por sua vez, impele à renomia, ora como algo pensado, cerzido, conversado, consciente, quiçá, consensual, entre (neste caso) os irmãos-órfãos. A vida ensina que a morte real, do pai-real, use ser deveras devastadora à psique, como bem exarara Sigmund Freud, em sua anamnese à Interpretação dos Sonhos: “o mais importante acontecimento, a mais

dura perda da vida de um homem” – FREUD 1900). Eventualmente, as duas tentativas de parricídio simbólicas, a primeira e a segunda, em seus respectivos tempos e lugares, já antecipem a preparação à crise cabal, devastadora, incontornável e inominável, cedo ou tarde, indissociável à vida (afinal, seguindo o viés natural, pais soem morrer antes dos filhos).

Mas na parábola, o pai não é destronado, nem real-, nem simbolicamente. Ele continua no comando! Basta lembrar suas ações quando do retorno do amado. Tampouco, como poder-se-ia tergiversar que bastasse sua morte psíquica em cada um dos filhos – isto é, deixe de ser sentido no governo de suas vidas – pois que este, efetivamente, não seja o caso! A não ser que o mais importante, a efetiva *metanoia*, que demande integralmente a morte de todas as relações cativas previamente envolvidas, somente possa ser esperada como evento a *fortiori*. Que tudo seja um já sim, mas ainda não! Uma *parusia* parcial, antecipadora da derradeira. Neste sentido, o *Kerygma* inerente à parábola poderia ser sintetizado, da seguinte maneira: a graça é assegurada tão-incondicionalmente ao perdido e morto, que independa ainda de sua elaboração, seja qual for, a direção, se à recusa pelo primogênito ou à pura e simples constatação de que seja mais cômodo retornar à casa, sob qualquer condição, do que perder-se e morrer, por parte do último-gênito.

Em outras palavras, “porque Ele faz nascer o seu Sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos” (Mt 5.45), a alegria do reencontro e do tornar a viver, já seja a consumação antecipada do fim-dos-tempos (escatologia). Digamos que esta seja a leitura teológica forte, intrínseca à parábola. Esta, todavia, não só não consegue fazer jus à situação essencial e existencial da metáfora à vida, a saber, que seja necessário sair de casa, extraviar-se, para reencontrar-se; morrer, para tornar a viver; como também, inverta a relação qualitativa, infinitamente diferente, ao submeter o incondicional ao condicional: da experiência humana somenos possa esperar-se um conhecimento de deus, quanto o efêmero, do eterno; o penúltimo, do último (Bonhoeffer, 2003).

Ou ainda, que também seja possível uma leitura forte (teológica) do pai da parábola, a saber, que este esteja para o próprio Cristo, e Nele, por Ele e através Dele, haja vista sua identidade de natureza com o Pai, já se inaugure o Reino de Deus, o que certamente seja congruente à perspectiva dos evangelhos (cf. Mt 11.5). O problema, por um lado, permanece sendo que uma identificação com a atitude de graça e aceitação incondicional do Pai, via *imitatio Christi* (Thomas Kempis), seja simplesmente tão-humanamente inconcebível e irrealizável, ainda que sempre idealizada e intentada, que a própria parábola já revele o conflito decorrente, no âmbito do condicionado, entre o mais-velho com o pai, haja vista que sua graça com o irmão mais-novo evoque de dentro dele, a mais ressentida bile. E por outro, que este Pai ideal prescindia do essencial, ao pai real: o *jus sperniandi*; ou seja, a possibilidade do atrito, tão-fundamental ao crescimento emocional, pois que a dinâmica dialética só possa ser desencadeada mediante antítese. Em outras palavras, neste caso, divino demais, quando, em verdade, seja necessário um pai de veras terreno, com todos os prós e contras, mas não, um amorfo, quer quente



ou frio, mas não, morno (Ap 3.15s). Não por último, deponha contra esta compreensão, a distinção bem nítida à parábola, quando o indez, ao preparar sua narrativa de retorno, formule “pai, pequei contra Deus e contra o senhor” (v. 18b); logo, seja feita uma distinção precisa entre ambos.

## 7. Uma chave hermenêutico-psicanalítica alternativa

Eventualmente, um viés apofático fraco descerre uma crise psíquica ainda bem mais remota, profunda, incomensurável, inominável, em suma, pré-edípica. Senão vejamos: temos diante de nós um pai débil, fraco, não “suficientemente bom” (com a devida vênia a Winnicott, pela transposição livre de seu mote), ainda que seja inteiramente amor, porque não cumpra sua função precípua: instaurar a lei! Sem a lei tudo e nada é possível, porque não haja norte, direção, sentido, orientação, quiçá, consciência, reconhecimento, uma vez que seja impossível constituir um contraponto, sem o qual, o discernimento não seja possível. Tudo paira ainda, naquilo que a parábola sugere, em um mundo amoroso, indiferenciado, onde supostamente todas(os) se sentem felizes e aceitas(os). É um Natal eterno! É a própria família santa! Não há ainda a diferenciação dos desejos e das necessidades. Todos formam um corpo orgânico, simbiótico, resguardado sob o ninho quente do narcisismo, e revivido, secundariamente.

O pai-maternal ou mãe-paternal, porque também ainda indiferenciado, nessa regressão ao pré-nível de desenvolvimento anímico, continua amamentando os seus e, ébrio de amor, antepõe-se à necessária ruptura do cordão-umbilical, à fissura, ao “abismo profundo e horrendo” da ferida narcísica, pois ainda longe, corre ao encontro do insurgente, e “o abraçou e beijou” (v. 20c). É um tipo de amor que se antecipa ao sofrimento! E o preço justamente é a confusão de essências, a indiferenciação das *ousias*: ninguém sabe onde começa um e acaba o outro; tudo é turvo, opaco, gris, sem reconhecimento do pecado; portanto, anterior à clivagem necessária ao desenvolvimento anímico entre sujeito-objeto. Isso tanto mais seja corroborado quando, à segunda parte, o *mater-pater* diga ao morgado, com flagrante incompreensão de sua queixa: “[m]eu filho você está sempre comigo, e tudo o que é meu é seu” (v. 31b). Seria, em outras palavras, dizer que a parábola clame à *metanoia* do pai! Para ser pai, é preciso cumprir a função de pai e não a solapar, sob a maternagem. Esta é precípua à mãe, seja a quem caiba seu preenchimento circunstancial.

Praticamente, teríamos diante de nós, um espelho, que reflita através da parábola, eventualmente, o “mal-estar da civilização” mais recente, dos quais sejamos filhas(os), quem sabe, netas(os) e bisnetas(os): um pai-maternal que jurara de pés-juntos que não seria, nem queria ser, “como nossos pais” (Belchior, 1976). É a geração antiautoritária do último quarto do milênio passado, ora niliautoritária, que, por excesso de amor, de zelo, de carinho e de cuidado, cultue novas gerações naufragadas no narcisismo. É querer mamar do puro Evangelho, sem consciência da lei; portanto, do pecado e da conseqüente condenação à

infantilidade espiritual e, em última análise, à regressão incestuosa. Do ponto de vista psicopatológico, aferre a vida anímica à relação de dependência dos outros, do grupo, da horda, sintomaticamente constatável, no aumento da depressão e ansiedade. Fala em prol desta hipótese, que o núcleo da angústia esteja relacionado à oralidade, à insegurança alimentar, ao morrer de fome (v. 16s). Pior, poderia estar em jogo uma angústia, ainda mais profunda e ancestral: aquela sem objeto, porque, sob essas circunstâncias, nem da parte do pai, nem de ambos os filhos, chegara a desenvolver-se algo, que poder-se-ia chamar minimamente, de ego – todos parecem constituir um nós difuso, inconsciente e fragmentado. Portanto, neste caso, já regredir-se-ia a uma nãoestruturação da personalidade *border loose*, esquizoide, quiçá, em casos severos, psicótica (aliás, típica aos que afirmam haver um “sentimento oceânico” – cf. a réplica de Freud a Rolland, em *O Futuro de uma Ilusão*, 1927 e *O Mal-estar na Civilização*, 1929).

Mas como alguém que assim se desenvolvera poderia ser pai d’outra maneira? Este é o outro lado do símbolo, pois esta geração clama, embora demasiado público-inconscientemente, pela reinstituição do pai (ausente, ou que renunciara sua função, por qualquer que haja sido, o motivo), agora revestido de autoridade-autoritária, face ao adulto-infantilizado. Em outras palavras, não se trata de um pai destronado, que depois viveria interiorizado como fiel da lei, portanto, em função da distinção e discernimento do espírito consciente entre o conveniente e o inconveniente (certo e errado, bem e mal), mas sim, da instauração regressiva de um *golem* pai-mãe, sob o qual, toda a distinção desapareça e, p. ex., esta seja feita por números e não por nomes. Já o verdadeiro Pai-Maternal, puro-amor, é ontologicamente um *ens amans* (Max Scheler); logo, sempiterno e necessário como o próprio ar à vida e simplesmente não possa ser diferente, porque eternamente sempre seja igual a si mesmo!

O outro sequelado, sem dúvida, é o filho que ficou em casa, o que se resguarda de qualquer afronta à autoridade do pai e sequer se atreve a correr o mundo e, quem sabe, conhecer e aprender coisas novas, que oxalá expandissem seu horizonte. É o da parábola dos talentos: “mas o que tinha recebido um talento saiu, cavou um buraco no chão e escondeu o dinheiro do seu senhor” (Mateus 25.18). Ele próprio, quando da catarse do fel, que o intoxicara aos poucos, por dentro, por toda vida, lamuria: “[f]az tantos anos que trabalho como escravo para o senhor e nunca desobedeci a uma ordem sua” (v. 15.29). Logo, também este permanecera refém da fase pré-edípica: nem chegara a ensaiar um levante necessário ao seu desenvolvimento, desobedecendo uma ordem sequer.

É evidente que, sob a copa da frondosa árvore paterna, haja abrigo, resguardo, sossego, paz; todavia sempre, à sombra de uma angústia ubíqua, à espreita: – e se eu errar, se o velho tirano se irritar, se me punir e, quem sabe, até me banir de seu broquel protetor, o que seria de mim? Certamente alguém despreparado demais para se expor ao mundo, à dura, nua e crua, realidade! Para enfrentar este rival não basta ser direitinho, seguir a norma, muito menos, exigir dos outros o mesmo grau de subserviência. Lá fora é necessário jogo de cintura

para sobreviver e, sobretudo, coragem para encarar os reveses – e aqui em casa, tenho tudo e não preciso arriscar nada...

Só que, mesmo trabalhando como um escravo, e seguindo cegamente as ordens do pai, não é visto por ele. Desde sempre fora assim: ele só tem olhos para o outro! Justamente aquele que não o mereça... E esse talvez seja o jeito de “cair em si”, do mais-velho, quando à alegria e festa do pai, mediante o retorno do - novo – o que não merece, mas recebe em abundância e o que ache que mereça, nada receba –, mesmo sabendo que tudo também seja seu. Logo, em verdade, seja outra coisa que procure, e imagine encontrá-lo, do jeito errado: o quê justamente mais lhe falte e quieria encontrar, é o reconhecimento do pai. Todavia, como pense encontrá-lo colado ao pai, no colo de Abraão, ache que aquele já tenha tudo e nada lhe falte, e ele nada tenha e tudo lhe falte. Sem a necessária distância, é impossível o reconhecimento: um é o apêndice do outro! O desejo e a necessidade daquele, supostamente, correspondem identicamente aos, deste.

E era isso que desde sempre já estivera engasgado em sua garganta: o amor hiperativo ao diferente e o hipoativo, ao igual! Só que, mesmo essa cascata de queixume, que ora seja vomitada em face da desmesura do pai, indique que o sofrimento psíquico continue nãoelaborado: permanece inconsciente e se expressa, sob forma de denegação – um mecanismo de defesa – da festa, da alegria, do reencontro. Até porque, essa parte esteja oculta ao símbolo da parábola e, dessarte, demande a complementação através de nossa (leitura) assertiva consciente. Ainda que inconsciente- e indeliberadamente, a tese do símbolo desencadeie uma antítese – a transferência, uma contratransferência – no leitor(a), recém sua elaboração consciente, é que permitirá uma abertura sintética à reconfiguração de suas próprias relações, inclusive, consigo próprio, no espelho da parábola.

O indez, não há dúvida, é o alfa e o ômega da parábola, respectivamente, da vida familiar – se for único, em todo o caso e, muitas vezes, quando haja irmãos e irmãs! É quem, nesta trama, somatiza os males do mundo, inclusive estes, do amor. É o Sísifo que começa a rolar a rocha morro arriba. Aquele que intui que para ser, precise procurar, sob risco do não achar. Que precisa de ar fresco, da vastidão do mundo e da vida em autonomia, sob pena de desperdiçar o mais precioso, a vida-própria.

Tal como os demais, supostamente vive na bolha do narcisismo, mas sente mais seu ar contaminado, deteriorado, rançoso, vicioso e viciante – o “envenenamento por deus” (*Gottesvergiftung*, Moser, 1976) – por excesso de guarida, cuidado, proteção; em suma, amor inconsciente. Sente dentro de si a vida pulsando, esperando ser vivida, e deseja seu quinhão, o obtém, e experimenta com todas as consequências, sua vanidade, efemeridade, insuficiência, futilidade; enfim, ilusão – porque o desejo, ainda narcisista, anterior à ferida da cisão entre sujeito-objeto, é sem-borda, incomensurável, se estende *ad infinitum* e, dessarte, insaciável. Ele devora tudo, inclusive as bagas da alfarrobeira, que servem de lavagem aos porcos; portanto, a imundícia, sob o imundo. E como soe ocorrer, ao menos em casos não-patológicos, o princípio da realidade, em termos, acaba

por impor-se – a equação é simples: não achara o que buscara, e perdera, o que já tivera. Buscara o que achara que lhe faltasse e encontrara o que já perdera, antes mesmo de procurá-lo.

É perfeitamente compreensível que as vicissitudes da vida demandem amiúde, recuos, quiçá estratégicos. Quem já não se deparara com um lampejo de senso de realidade, sussurrante ao pé-de-ouvido, de que daria tudo para voltar ao que era antes. Só que, como já dizia um jornalista conhecido, “perdeu *playboy*”! Não há mais como retroceder no tempo, ao menos, a este que possa ser mensurado com relógios, o pretérito. Nem continuar no presente, e condenado a um futuro, literalmente, mergulhado até o queixo, no estábulo imundo. A saída, a única portanto, é um recuo estratégico! O “cair em si” ainda não é consciência! É mais, um “mecanismo de defesa”, desde Sigmund Freud conhecido por “racionalização”. Não é uma *metanoia saulina*, uma conversão – até porque seria néscio considerar que o motor à vida-nova possa advir, no rigor da parábola, da imersão à imundícia.

Mas também, o discurso preparado, que bem conheçamos, de que se mudara, que nada mais seria como antes, de que de agora em diante tudo seria feito direitinho; de que vou me emendar, de que farei até mais do que se me peça, no mínimo, tanto seja efêmero quanto o lampejo de realidade, em meio ao sentimento de perda, à sombra da voracidade do desejo. Mal há tempo para recitar a ladainha, porque o pai, estando ele ainda longe, viera correndo ao seu encontro, para abraçá-lo, beijá-lo, festejá-lo; enfim, revesti-lo com toda a dignidade perdida. Tudo parece fácil demais, demasiado espontâneo: não há reprimenda qualquer, nenhuma acusação (a não ser a indireta – do irmão que ficara em casa – ao pai, mas que não lhe seja dirigida diretamente!). E esse é justamente o problema!

Se a culpa fosse confessada, haveria como expiá-la, receber a punição, o castigo, para aplacar este desejo que não interdita a paz de espírito. Tudo remete a uma capitulação total e a uma regressão, no tempo psicológico, como se nada houvesse acontecido. Tudo fora em vão! As relações não cambiariam. Para o pai-mãe superprotetor, o retorno é perfeito, porque o que se perdera, fora reencontrado, e o que morrera, revivera – evidentemente face ao seu amor incomensurável! Poderá continuar intocado, o seu reinado, sem ameaça de destronamento, e seu amor narcisista, como sempre, acolheria o patinho feio, sob as asas protetoras da mãe (pai) choca. Portanto, tudo ainda suceda sob um viés inteiramente inconsciente e fadado a repetir todas as atitudes neurotizantes do passado. É o que, mui bem, o psiquiatra da Morávia conheceu, da práxis psicanalítica, como *Wiederholungszwang* (compulsão à repetição). E é precisamente este mecanismo, quando a neurose individual é transladada à, universal, inscrita nos atos religiosos, que assegura, evidentemente, certo alívio paliativo, mas alimenta o perpétuo-mobile – pecado, culpa, expiação –, e oculte a fonte verdadeira, de todo esse círculo-vicioso: a paixão humana; ou melhor, sua pulsão à vida e à morte, e a conseqüente implacável vontade por sua satisfação.

Sem um reconhecimento mínimo desta e, por conseguinte, aprendizado, para o seu domínio, ao menos parcialmente refletido, não haverá consciência, nem autoconsciência, nem relações conscientes. Tudo permanecerá submerso à bruma turva do isso (*Es*) e não será possível avançar ao estágio seguinte, à clivagem sujeito-objeto, que rompa a fenda narcísica: tudo permanece um simulacro de um todo-orgânico, porém amorfo, sem subdivisões, resignado ao acaso; ou, no máximo, submisso ao desejo, também inconsciente, do pai, ainda onipotente e *omni amans*. Ele sequer fora confrontado, para que ele próprio pudesse reconhecer o que efetivamente esteja em jogo: não menos e nada mais do que a vida-própria independente! Em síntese, sem a ruptura com a mais profunda e remota defesa da alma diante de sua impotência, transfigurando-a em seu contrário, em alucinação de onipotência, não se efetiva a chaga do melindre, que, portanto, também, não possa cicatrizar ao longo da vida, e o resultado não é mais uma infantilização edipiana, mas uma bebebização narcísica. Acaso não seria este nosso “mal-estar” hodierno?

### À guisa de conclusão e prospecção

A leitura psicanalítica proposta à parábola do “filho pródigo” abre o símbolo ao preenchimento de seu lado absconso com a nossa vida, supondo que, não obstante à variedade dos comportamentos manifestos, o funcionamento básico de nosso psiquismo não se alterara em muito, nem pouco, ao menos nos últimos dez mil anos e que, portanto, os inconscientes das protagonistas da metáfora sejam perfeitamente intercambiáveis por nossos; quer dizer, este tipo de literatura por imagens comunica-se direta- e imediatamente com nossa alma, primeiro, sob nível inconsciente. Pelos mecanismos já descritos pela psicanálise, da transferência e contratransferência, da identificação, do ideal-do-eu e do eu-ideal, da projeção, da racionalização, da regressão, enfim do complexo de Édipo e do período pré-edípico, respectivamente, narcisismo, coligiram-se ferramentas ao reconhecimento do que era inconsciente, para torná-lo consciente e, dessarte, ressuscitá-lo à vida.

Mediante a argumentação e as evidências propostas, enrobustecera-se a hipótese, apesar da primeira impressão sugerir um típico complexo de Édipo e uma capitulação acachapante sob seu enfrentamento, mediante regressão, uma leitura mais colimada, escrupulosa, integradora dos elementos inconscientes, à consciência; portanto, reintegradora da libido, que apontasse ao conflito efetivamente em jogo, situado em um nível ainda bem mais arcaico, mais amnemônico, porque basilar à sua própria constituição, da possível derrocada em face da vivência e do enfrentamento do narcisismo. Em outras palavras, um tipo de conflito tão-basal, que inclusive prejudique a instauração do eu/ego. Portanto, uma condenação à melancolia sem objeto, como o *sommelier* de bons habañeros vienense, mui perspicazmente detectara, em sua clássica distinção entre Luto e melancolia.<sup>14</sup>

<sup>14</sup> “Entretanto, quando o ego se encontra num perigo real excessivo, que se acredita incapaz de superar por suas próprias forças, vê-se obrigado a tirar a mesma conclusão. Ele se vê desertado por

O problema básico, neste sentido, ao qual a parábola estimule e atraia nosso inconsciente, enquanto leitora(es) ouvintes, é, em última análise, o da liberdade. Só mediante a ferida narcísica, abre-se espaço à gradativa formação do eu; isto é, ao (livre)arbitrio. Vivêramos nossa vida enlaçados pela libido narcísica de um pai, tão-narcisista que seu amor não se atenha a limites, morreríamos intoxicados pelo seu excesso. Sem a frustração desta fantasia onipotente, atrofiaríamos, à sombra sempiterna da frondosa árvore. Mesmo o sair de casa, bem como o ficar, o perder-se e o reencontrar-se e ser reencontrado, o morrer e reviver de nada adiantariam, pois seriam movimentos a esmo em um tabuleiro já jogado. Neste sentido chama a atenção, para finalizar, que as protagonistas não tenham nomes: elas são tratadas como pai, filho mais-velho e mais-novo (nem os demais servos da casa-grande e da senzala sejam nomeados). Portanto, perfeitamente intercambiáveis pelo zero à esquerda, zero e o zero à direita, pois a ordem em nada modificaria, a equação. Destarte, a parábola não nos apresenta uma solução, mas um problema insolúvel, um teorema de Riemann (Georg Bernhard Riemann): como lidar com a impotência que habita o subsolo de nossa alma?

A resposta vai depender do tipo de consciência que seja elaborada, à luz deste símbolo forte da parábola, da redundância ipseita, cuja atitude central seja a graça, a alegria, a festa. Depois esperar-se-ia a discussão das relações, que, quem sabe, permita o reconhecimento dos espaços necessários à vida de cada qual! Ou seja, o *tertium comparationis non datur*, absconso ao símbolo, completa-se, via “transferência”, agora sim, de aceitação incondicional, que, quando refletida, não precise mais ser escrava da “contratransferência” direta, mas atitude deliberada, livre e participativa. Devolvendo, dessarte, o símbolo ao seu *lócus* teológico original, nossa participação analítica nos fizera reconhecer, nada menos, que este instigue a elaboração do drama humano essencial, já esboçado no jardim do Éden (Gn 3): é preciso sair de casa, deixar o Éden! E o paradoxo é que não saindo perde-se a vida tanto quanto ficando; que não procurando a vida-própria, sucumba-se à morte interior, quanto saindo. Vida, portanto, é perder-se e morrer; e morrer, reencontrar-se e reviver. Dito livremente com o Apóstolo: o salário da vida é a morte; o da morte, a vida! Logo, “[c]oncluí que a linha melódica de minha vida tinha sido, fino modo, uma busca da casa e do pai perdidos...” (Verissimo, 1976, p. 323). E acaso o velho bonachão do pai quedar-se-ia insensibilizado face à tragicomédia de nossas vidas? Neste caso, só restaria rezar com o Pregador: “[t]udo é vaidade” (Ec 1.2)!

### Referências

BARTH, Karl [1932-67]. **Kirchliche Dogmatik**. KD IV/2.

BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e submissão**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

---

todas as forças protetoras e se deixa morrer. Aqui está novamente a mesma situação que fundamenta o primeiro grande estado de ansiedade do nascimento e a ansiedade infantil do desejo – a ansiedade devida à separação da mãe protetora.” Cf. S. FREUD (1917 [1915]). **Luto e Melancolia**, 1996.

- BUBER, Martin. **Ich und Du**. Stuttgart: Reclam, 2008.
- BULTMANN, Rudolf. **Kerygma und Mythos**. Hamburg-Bergstedt: Herbert Reich, 1956.
- DOSTOIÉVSKI, F. M. **Os Irmãos Karakázov**. Tradução de Paulo Bezerra. Vol. 2. 1ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- DREWERMANN, Eugen. **Das Lukas-Evangelium**. Band 2. Düsseldorf: Patmos, 2009.
- FAGUNDES, Paulo (compositor – Disco Vinyl). **Potro sem dono**. GRUPO CAVERÁ, 1986.
- FRANKL, Viktor. **Der unbewusste Gott**. München: Kösel, 1974.
- FREUD, Anna. **O Ego e os mecanismos de defesa**. Porto Alegre: ARTMED, 2006.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FREUD, Sigmund. **Die Traumdeutung**. G.W. II-III.
- FREUD, Sigmund. **Gesammelte Werke (chronologisch geordnet)**. Band XIV. London: Imago, 1952.
- FREUD, Sigmund. (1917 [1915]). Luto e Melancolia. In: J. STRACHEY (Ed.), **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud Obras Completas**. Vol. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. **Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse**. 1ª Ed. Wien: Internationaler Psychoanalytischer Verlag. 1933.
- FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: J. STRACHEY (Ed.), **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. 22. pp 15-175. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. **The interpretation of dreams**. Standard Edition. Vols. 4 e 5. London: Hogarth Press, 1953.
- FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. **Edição Eletrônica de Freud**. Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- GIDE, André. **Le retour de l'enfant prodigue**. Paris: Gallimard, 1948.
- GODOI, Bernardo Sollar; NOÉ, Sidnei Vilmar. A morte de Deus, o pai da horda primeva e o interdito. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 40, n. 75, p. 73-81, jun. 2018. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952018000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952018000100010&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 1º out. 2021.

GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. Trad. B. Dischinger. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

HAMBURGER, K. Die Geschichte des verlorenen Sohnes bei Rilke. In: **Fides et communicatio** (Festschrift zum 70. Geburtstag des Göttinger Theologen Martin DOERNE. Gütersloh: Vandenhoeck & Ruprecht, 1970).

HEGEL, W. W. F [1821-31]. **Vorlesungen über die Philosophie der Religion**. Teil III (Die vollendete Religion). Hamburg: Felix Meiner, 2013.

HUBNER, M. M. Um estudo sobre o termo 'ādām na Bíblia Hebraica. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 72–86, 2016. DOI: 10.17851/1982-3053.10.19.72-86. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14342>. Acessado em 1º. out. 2021.

JEREMIAS, Joachim. **Die Gleichnisse Jesu**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1965.

KAFKA, Franz [1920]. Heimkehr: **Sämtliche Erzählungen**. (posthum veröffentlichte Erzählung). Frankfurt a.M.: Fischer, 1969.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand Lefebvre. **Vocabulário da psicanálise** (verbetes “identificação”, “narcisismo”, “princípio de realidade”). 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

MOSER, Tilmann. **Gottesvergiftung**, Frankfurt a/M: Suhrkamp, 1976.

NIETZSCHE, Friedrich. **Der Antichrist**. Hofenberg, 2016.

NOÉ, S. V. Notas para uma hermenêutica psicológica do mistério. **NUMEN**. Juiz de Fora, v. 21, n2, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/22128> Acessado em: 24 set. 2021.

NOÉ, S.V.. Verbetes “Símbolo”. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando (Org.). In: **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo : ASTE. 2008.

NOÉ, S. V. O Fim da Religião do Eu? **NUMEN**. v. 9, n. 1, p. 111-128. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21600> Acesso em: 24 set. 2021.

NOÉ, S. V. Afinal a fé é, ou não de todos? **Estudos Teológicos**, [S. l.], v. 61, n. 1, p. 256–270, 2021. Disponível em: [http://198.211.97.179/periodicos\\_novo/index.php/ET/article/view/781](http://198.211.97.179/periodicos_novo/index.php/ET/article/view/781). Acessado em: 24 set. 2021.

O REI LEÃO (DVD). Dir. Rob MINKOFF, Roger ALLERS. Vozes de James E. Jones, Jeremy Irons, Jonathan T. Thomas. Walt Disney Pictures, 1994.



OTTO, Rudolf. **Das Heilige**: über das Irrationale in der Idee des Göttlichen und sein Verhältnis zum Rationalen. München: Biederstein, 1917.

RILKE, Rainer Maria [1906]. Der Auszug des verlorenen Sohnes. In: **Sämtliche Werke**. Band 1–6, Band 1. Wiesbaden und Frankfurt a.M.: Insel-Verlag, 1955–1966, S. 491-492.

RIZZUTO, Ana-María. **Por que Freud rejeitou a Deus?**. São Paulo: Loyola, 2001.

RUSCHEL, Paulo (compositor – Disco Vinil). **Os Homens de Preto**. GRUPO CAVERÁ, 1986.

SCHAKESPEARE, William (1597?) **Henry IV**, Act 3, Scene 2 (no fear).

SCHLEIERMACHER, F. D. E. **Über die Religion**. Reden an die Gebildeten unter ihren Verächtern (1799/1806/1821). Studienausgabe. Niklaus PETER, Frank BESTEBREURTJE und Anna BÜSCHING (Org.). Zürich: Theologischer Verlag, 2012.

SCHNIEWIND J., **Die Freude der Buße**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1960.

SCHOENBORN, Ulrich. **Migalhas exegéticas**. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

SOUZA, M. M. **A importância da teoria dos papéis de J. MORENO para o bibliodrama**. Recuperado de <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/500/1/manoelmendoncasouza.pdf>  
Acessado em: 24 set. 2021.

TILLICH, Paul. **Coragem de ser**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

VELOSO, Caetano (Compositor – Disco Vinil). **Alegria, Alegria**, 1967.

VERISSIMO, Érico. O tempo e o vento, parte I: **O continente I**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VERISSIMO, Érico. O tempo e o vento, parte III: **O arquipélago I-III**. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VERISSIMO, Érico. **Solo de clarineta**. Vol. 2. Porto Alegre: Globo, 1976.

VOLTAIRE (François-Marie AROUET). **L'enfant prodigue**, 1736.

*Submetido em 04/03/2023*

*Aceito em 14/07/2023*